



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

ANGELA GASPERIN MARTINAZZO

O (DES)USO DO PRONOME REFLEXIVO NA LÍNGUA ESCRITA:
Uma análise de textos técnicos do Ministério da Saúde
com foco na revisão

Brasília
Fevereiro de 2017

ANGELA GASPERIN MARTINAZZO

**O (DES)USO DO PRONOME REFLEXIVO NA LÍNGUA ESCRITA:
Uma análise de textos técnicos do Ministério da Saúde
com foco na revisão**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos: Gramática, Linguagem, Construção/Reconstrução do Significado.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília
Fevereiro de 2017

ANGELA GASPERIN MARTINAZZO

O (DES)USO DO PRONOME REFLEXIVO NA LÍNGUA ESCRITA:

**Uma análise de textos do Ministério da Saúde
com foco na revisão**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos: Gramática, Linguagem, Construção/Reconstrução do Significado.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília, 17 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Daniele Marcelle Granier

Profa. Dra. Edineide dos Santos Silva

Profa. Dra. Tânia Cristina da Silva Cruz

*A meus pais (in memoriam), que, pelo seu exemplo
de trajetória acadêmica e perseverança pessoal,
incentivaram-me a completar este trabalho.*

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier, pela ajuda na delimitação do escopo da pesquisa, definição do método de trabalho e produtivas discussões, além da disponibilidade, paciência e constante incentivo;

aos meus professores do Curso de Revisão de Textos do UniCEUB, pelas aulas estimulantes, marcadas pela abertura e proximidade com os alunos, e por terem me apresentado a tantos mundos novos dentro da minha profissão;

às minhas colegas do Curso de Revisão, pelo apoio mútuo no processo de aquisição de novos conhecimentos, que não se faz sem sacrifícios pessoais; pela rica troca de ideias e experiências; e pela alegria e leveza partilhadas em aula, muitas vezes em meio ao cansaço após um dia difícil,

o meu muito obrigada.

A regência, como tudo na língua, a pronúncia, a acentuação, a significação, etc., não é imutável. Cada época tem sua regência, de acordo com o sentimento do povo, o qual varia, conforme as condições novas da vida.

(NASCENTES, 1960, apud LUFT, 2010, p. 15)

Resumo

O presente trabalho desenvolveu-se a partir da atividade profissional de revisão de textos exercida no âmbito do Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde. Seu objetivo foi o de pesquisar o (des)uso do pronome reflexivo em verbos pronominais na modalidade escrita da língua portuguesa e elaborar um referencial de revisão textual com base nas ocorrências mais relevantes desse fenômeno, encontradas nos textos do corpus constituído pelo conjunto de documentos técnicos produzido pelo Órgão ao longo da última década. O levantamento mostrou que os verbos pronominais com maior frequência de desuso do pronome foram aqueles em que a ausência do clítico não altera significativamente a semântica do verbo – dando margem, assim, à flutuação do uso do pronome – e aqueles que envolvem mudança de estado físico, alguns dos quais têm seu uso despronominalizado facultado pelos dicionários de regência e outros instrumentos atualizados de consulta em língua portuguesa. A pesquisa sobre os achados e a respectiva análise enseja um processo mais aprimorado de revisão textual, contribuindo para despertar no revisor de textos a importância da investigação linguística e a necessidade de acompanhar as mudanças nas normas e recomendações de referência.

Palavras-chave: Verbo pronominal. Pronome reflexivo. Despronominalização. Revisão de textos.

Abstract

This research work was developed from the professional activity of text revision carried out within the scope of the Department of STI, HIV / AIDS and Viral Hepatitis of the Brazilian Ministry of Health. Its purpose was to investigate the (dis)use of the reflexive pronoun in pronominal verbs in written Portuguese and to elaborate a text revision referential, based on the most relevant occurrences of this phenomenon found in the texts of the corpus formed by the ensemble of technical documents produced by the Department within the last decade. The survey showed that the pronominal verbs with the highest frequency of pronoun disuse were those in which the absence of the clitic does not significantly alter the verb semantics – thus giving rise to the fluctuation of pronoun use – as well as those involving changes of physical state, some of which have their use without the pronoun allowed by regency dictionaries and other updated reference instruments in Portuguese. The research on the findings and their analysis lead to an enhanced process of text revision, contributing to awakening in the reviewer the importance of linguistic research and the need to follow the changes in the norms and recommendations of reference.

Keywords: Pronominal verbs. Reflexive pronoun. Pronoun disuse. Text revision.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Problema	13
Justificativa	13
Objetivos	14
Natureza da pesquisa e referencial teórico	15
1 VOZ REFLEXIVA E VERBOS PRONOMINAIS	18
1.1 Verbos pronominais e regência verbal	23
1.2 O (des)uso do pronome oblíquo dos verbos pronominais	24
1.3 O caso dos verbos lembrar e esquecer	28
2 METODOLOGIA DO LEVANTAMENTO	30
2.1 Procedimentos	31
2.2 Normas e recomendações	32
3 OCORRÊNCIAS, COMENTÁRIOS E INTERVENÇÕES	35
3.1 Cristalização estrutural	35
3.2 Atuação de regras sintáticas	48
3.2.1 <i>Ergatividade (mudança de estado)</i>	48
3.2.2 <i>Reflexividade propriamente dita</i>	59
3.2.3 <i>Reciprocidade</i>	63
3.3 Outras situações	63
4 ANÁLISE DOS ACHADOS	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
Apêndice A – Lista dos documentos utilizados no levantamento	75
Apêndice B – Lista completa das ocorrências e propostas de intervenção	76
Anexo A – Autorização para utilização do corpus de pesquisa	87

INTRODUÇÃO

Na última década, nossa atividade profissional de revisão de textos desenvolveu-se majoritariamente no âmbito da Assessoria de Comunicação do Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde do Brasil. O Ministério da Saúde é o órgão do Poder Executivo responsável pela definição das diretrizes nacionais de saúde, por meio, entre outros, da publicação e divulgação, impressa e on-line, de manuais, protocolos, guias e outros documentos de caráter técnico, com o objetivo de orientar o diagnóstico, tratamento e prevenção de doenças. Essa produção é distribuída em todo o território nacional, sendo, portanto, de grande alcance.

Para a elaboração de tais documentos, concorrem muitas vezes outras instâncias – academia, organizações da sociedade civil, população geral – por meio de consultas públicas, reuniões, atuação de comissões e conselhos. Porém, a produção e redação final ficam sempre sob a responsabilidade dos profissionais do Departamento.

Esses profissionais produzem textos plenamente adequados do ponto de vista técnico e também demonstram proficiência no uso da modalidade escrita da língua. Não obstante, faz-se necessária uma revisão sistemática dos textos, sobretudo, para fins de maior adequação dos documentos à gramática tradicional da língua portuguesa brasileira, que é a norma padrão de documentos oficiais do governo.

No sentido de estabelecer uma reflexão sobre essa prática de trabalho assim constituída, o presente trabalho visa realizar um levantamento de um tipo específico de ocorrência encontrada nos documentos do Departamento, produzidos no período indicado: o desuso (em contraposição ao uso preconizado) do pronome nos verbos ditos reflexivos na modalidade escrita e culta da língua.

Embora pareça menos frequente no registro escrito e formal, o fenômeno do desuso do pronome dito reflexivo em verbos pronominais sempre nos chamou a atenção em nossa atividade profissional, em especial por causa da flutuação e aparente imprevisibilidade com que ocorre, simultaneamente à forma pronominal, muitas vezes no texto de um mesmo autor. Um exemplo recorrente é a alternância

entre o uso e o não uso do pronome *se* nas construções com os verbos *esquecer* e *lembrar*: enquanto na modalidade falada da língua parece predominar o não uso do pronome, no registro escrito há uma variação observável em construções como: *João se esqueceu de fazer a tarefa* e *João esqueceu de fazer a tarefa; lembro-me como se fosse hoje* e *lembro como se fosse hoje*.

Por um longo período, este e outros tipos de ocorrência nos fizeram ponderar sobre os motivos que levam pessoas plenamente escolarizadas, com letramento acadêmico completo, a se desviarem da norma padrão aprendida quando da elaboração de um gênero situado no extremo da formalidade no contínuo da relação fala-escrita – ou seja, “textos acadêmicos, artigos científicos e legislação, documentos oficiais, relatórios técnicos, pareceres” (MARCUSCHI, 2008, p. 197).

Nossa inquietação a esse respeito pôde ser dissipada em vista do saber teórico acumulado sobre o tema. A questão da discrepância observada entre os ditames da gramática tradicional e o real uso na língua, por indivíduos que receberam educação linguística formal, pode ser abordada de várias maneiras.

Para Bettet (2001, p. 85), “O domínio da língua não decorre do conhecimento gramatical ‘teórico’. E os que dominam a língua, frequentemente desconhecem a ‘gramática teórica’”. Nesse sentido,

a língua reflete a cultura e, por essa razão, também se modifica constantemente. Os gramáticos, portanto, devem ficar atentos a essa evolução, para não correrem o risco de, em suas gramáticas, estarem apresentando normas de bem falar e escrever à língua de antigamente (BETTET, 2001, p. 85).

A autora prossegue, delineando a necessária distinção entre os conceitos de gramática: ora uma descrição da língua, ora um conjunto de regras e normas de bem falar e escrever. A primeira é “o resultado da análise científica da língua, a ‘linguística especial sincrônica’ de uma língua; a segunda é ‘o conjunto de normas de falar e, por extensão, de escrever uma língua, segundo o uso mais geral’”. Apesar disso, a dita “norma culta” ainda conserva sua precedência no ensino formal, por motivos que nem sempre se confirmam nas práticas sociais – os quais envolvem o temor da degradação da língua nacional, a necessidade da formalidade e a ideia de que ela garante o acesso a expressões superiores de cultura e informação. Não obstante, é inegável que “a língua culta mantém certa estabilidade por longos

períodos e serve a vastas regiões como um denominador comum” (BETTES, 2001, p. 85).

Para Travaglia, (2000, apud BETTES, 2001, p. 90), todo usuário da língua tem competência gramatical ou linguística para gerar sequências próprias e típicas da língua em questão. O autor afirma:

Aqui não entram julgamentos de valor, mas verifica-se tão somente se a sequência (orações, frases) é admissível, aceitável como uma construção da língua. Essa sequência está ligada ao que Chomsky chamou de “criatividade linguística”, que é a capacidade de, com base nas regras da língua, gerar um número infinito de frases gramaticais” (TRAVAGLIA, 2000, apud BETTES, 2001, p. 90).

Portanto, com base no levantamento do presente corpus de pesquisa, esperamos poder identificar as possíveis instâncias de variação da gramática individual que levam ao (des)uso do pronome reflexivo em verbos pronominais na modalidade escrita da língua, assim como visualizar se há alguma espécie de padrão ou frequência das ocorrências e se estas permitem esboçar uma tentativa de classificação e compreensão do fenômeno. Também pretendemos oferecer um exemplo de percurso do revisor de textos diante de tais situações, incluindo as maneiras de pensar o fenômeno, exemplos de obras de referência e recomendações a serem consultadas, e como adequar a intervenção em cada caso, considerando-se o gênero em questão.

Para tanto, no Capítulo 1, faremos uma revisão de literatura, procurando apreender os conceitos relativos à voz reflexiva dos verbos e aos verbos pronominais, tomando por base gramáticas reconhecidas e utilizadas pelos profissionais de texto e usuários da língua em geral. Visamos confrontar as explicações e pontos de vista de diferentes autores para melhor fundamentar a análise dos achados provenientes do corpus dos textos técnicos produzidos no Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde.

Em seguida, no Capítulo 2, descreveremos como foi realizado o levantamento das ocorrências, citando características específicas do conjunto de documentos, instrumentos e rotinas utilizados.

O Capítulo 3 é constituído da reprodução dos achados mais representativos, categorizada por entradas representadas pelos verbos encontrados; cada entrada traz os excertos de texto em que os verbos se localizam, incluindo o entorno

linguístico suficiente para a compreensão do contexto. À reprodução de cada excerto seguem-se comentários sobre o exemplo dado, à luz de dicionaristas habitualmente consultados na atividade de revisão, sobretudo no que diz respeito aos aspectos de sintaxe e regência. Ao final de cada entrada, apresenta-se uma proposta de intervenção textual.

No Capítulo 4, pretende-se fazer uma análise global dos dados encontrados, em confronto com os conhecimentos reunidos sobre a temática da reflexividade verbal, procurando identificar frequências ou padrões para a ocorrência do (des)uso dos pronomes nos verbos a eles assignados.

Finalmente, apresentaremos algumas considerações sobre o fenômeno e como este se relaciona com a prática de revisão de textos.

Constam como apêndices a relação dos documentos originais utilizados e a lista completa das ocorrências encontradas, com as respectivas propostas de revisão. Em anexo, apresenta-se a autorização formal do Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde, para a utilização dos documentos.

Problema

Tendo delimitado nosso objeto de pesquisa, propomo-nos a abordá-lo a partir dos seguintes questionamentos: como e com que frequência se verifica o (des)uso do pronome reflexivo em verbos pronominais na modalidade escrita da língua, a partir do corpus de estudo? Há alguma descrição ou explicação do fenômeno entre os gramáticos ou outros autores? É possível caracterizar essas flutuações, ou seja, elas obedecem a algum padrão? Existe algum grau de flexibilidade para permitir esse desuso no âmbito da norma culta da língua? Como os achados e as reflexões correspondentes podem orientar ou auxiliar a revisão de textos?

Justificativa

A análise das ocorrências do corpus deste estudo pode representar uma oportunidade de verificar se a recorrência de determinadas construções reflexivas

supostamente inadequadas encontra fundamento ou respaldo na literatura correspondente, podendo auxiliar a compor o volume de pesquisas e análises já realizadas nesse campo, também contribuindo para ensejar trabalhos futuros.

Além disso, por meio deste trabalho, o revisor de textos pode tornar-se mais consciente dos vários aspectos envolvidos em sua atuação, usando a análise linguística para aperfeiçoar sua prática profissional e compreender as variáveis envolvidas na recorrência de determinados “erros” na escrita formal, aprimorando, inclusive, sua relação com o grupo institucional a que pertence.

Supõe-se que o presente corpus, ou amostra, seja representativo para o problema que se quer abordar, pois compreende um número expressivo de documentos produzidos em um significativo período de tempo, tornando-se característico de uma produção técnica que abrange vários aspectos do cuidado em saúde no Brasil. Os autores dos textos constituem um grupo de formação superior, e dentro desse parâmetro apresentam a vantagem de envolver pessoas de áreas muitas vezes diferentes (médicos, dentistas, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, sociólogos), o que contribui para enriquecer a amostra.

Entretanto, poder-se-ia argumentar, justamente, que se trata de um corpus de temática muito específica, o que talvez venha a limitar a pretendida análise. Se procedente, porém, essa restrição dará ensejo a que trabalhos subsequentes venham a abordar outros grupos de usuários da língua, dentro do mesmo enfoque.

A pesquisa, pelo recorte proposto, é de factível realização. Dispõe-se de fácil acesso à versão em Word dos documentos originais submetidos à revisão textual, com marcas de revisão. Soma-se a isso a possibilidade de utilização de base teórica adequada a fundamentar e orientar o trabalho de pesquisa.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral pesquisar o (des)uso do pronome reflexivo em verbos pronominais e elaborar um referencial de revisão textual com base nas ocorrências mais relevantes desse fenômeno encontradas nos textos do presente corpus de pesquisa.

Para a consecução dessa finalidade ampla, definem-se, como objetivos específicos: estabelecer uma revisão de literatura a fim de caracterizar a natureza dos verbos pronominais e as ocorrências da não realização do pronome no registro escrito da língua; levantar as ocorrências do (des)uso do pronome no conjunto dos documentos do Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde, submetidos a revisão textual; e, finalmente, propor uma análise e intervenção sobre as ocorrências encontradas, apontando a importância da pesquisa para o trabalho do revisor.

Natureza da pesquisa e referencial teórico

O presente estudo utilizará uma abordagem qualitativa, que melhor se adequa aos propósitos das ciências humanas e permite uma análise mais abrangente. Ao contrário dos métodos quantitativos, que partem de um plano previamente estabelecido e buscam enumerar ou medir eventos, a pesquisa qualitativa tem escopo mais amplo: “Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados” (NEVES, 1996, p. 1), definição que vem ao encontro dos propósitos deste trabalho.

Entretanto, com a finalidade de sistematização do levantamento proposto, poderão ser usados alguns aspectos da abordagem quantitativa, marcadamente no que diz respeito à caracterização e organização dos tipos de ocorrências, a fim de estabelecer supostos perfis predominantes.

Godoy (1995b, p. 21, apud NEVES, 1996) aponta a possibilidade de três tipos de pesquisas qualitativas, a saber: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Conforme explica o autor,

A pesquisa documental é constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar. Pode oferecer base útil para outros tipos de estudos qualitativos e possibilita que a criatividade do pesquisador dirija a investigação por enfoques diferenciados. [...] Além disso, os documentos são uma fonte não reativa e especialmente propícia para o estudo de longos períodos de tempo (GODOY, 1995b, p. 21, apud NEVES, 1996).

Portanto, o presente trabalho, por suas características, se enquadra na tipologia de pesquisa documental, tanto pela análise do corpus de pesquisa escolhido, quanto pela exploração teórica que irá orientar os objetivos desta monografia.

Com o propósito de aumentar a confiabilidade e a validação dos resultados, Bradley recomenda

“conferir a credibilidade do material investigado, zelar pela fidelidade no processo de transcrição que antecede a análise, considerar os elementos que compõem o contexto e assegurar a possibilidade de confirmar posteriormente os dados pesquisados” (1993, p. 436, apud NEVES, 1996).

Também nesse sentido, obtivemos por parte da direção do Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde, a permissão formal de uso dos excertos originais a serem analisados, os quais poderão vir a ser acessados mediante autorização.

A fundamentação bibliográfica do trabalho se dará por meio de obras e autores que permitam explorar e compreender o problema e os objetivos da pesquisa, bem como fundamentar e orientar a análise que se pretende fazer.

A pesquisa realizada compreende, em linhas gerais, dois momentos: 1) uma revisão prévia de literatura voltada a aprofundar as noções relativas à voz reflexiva e aos verbos pronominais, no sentido de melhor apreender as características dessa categoria, bem como a procura de explicações ou descrições para o fenômeno do apagamento do pronome dito reflexivo dos verbos pronominais; e 2) a análise caso a caso e proposta de intervenção para as ocorrências de desuso do pronome, conforme encontradas no corpus em questão, orientada por prescrições e recomendações da norma padrão da língua portuguesa.

Para o primeiro momento, ou seja, a revisão de literatura, consultaram-se três reconhecidas gramáticas da língua portuguesa – a Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha & Cintra; a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara; e a Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, de José Carlos de Azeredo – pela pertinência da abordagem do tema em questão e por apresentarem, em relação ao assunto, contribuições variadas no contínuo normativo-descritivo. Como complemento, utilizamos a perspectiva de Celso Luft, em sua introdução ao Dicionário Prático de Regência Verbal. Quanto ao fenômeno de desuso do pronome

reflexivo, encontramos análises propositivas, em especial, também em Luft, além de consultarmos a Gramática de Usos do Português, de Moura Neves, entre outras obras e artigos.

Na segunda etapa, de análise dos achados, novamente utilizamos três obras de referência, a saber, o Dicionário Prático de Regência Verbal, de Luft; o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio; e, como ponto de vista suplementar, o Dicionário Houaiss Eletrônico. Essas obras apresentam detalhadas descrições e recomendações quanto à semântica e à regência dos verbos pronominais encontrados, oferecendo suficiente subsídio para a análise e proposta de intervenção sobre as ocorrências.

1 VOZ REFLEXIVA E VERBOS PRONOMINAIS

Em nossa busca por uma compreensão mais aprofundada das construções reflexivas e dos verbos pronominais, a fim de melhor situar o fenômeno do eventual desuso, no registro escrito, do pronome a estes assignado, consultamos inicialmente algumas gramáticas tradicionais da língua portuguesa, compilando e comparando as informações encontradas.

Nesse sentido, apresenta-se primeiramente a questão das vozes do verbo. Tradicionalmente, as vozes verbais são classificadas pelos gramáticos em ativa, passiva e reflexiva. Cunha & Cintra (2014, p. 398-399) explicam que, na voz ativa, a ação expressa pelo verbo é praticada pelo sujeito: “João feriu Pedro”; “Não vejo rosas neste jardim”. Na voz passiva, a ação é sofrida pelo sujeito: “Pedro foi ferido por João”; “Não se veem [=são vistas] rosas neste jardim”.

Já na voz reflexiva, o fato é ao mesmo tempo praticado e sofrido pelo sujeito: “João feriu-se”; “Dei-me pressa em sair”. Portanto, o objeto direto ou o objeto indireto são a mesma pessoa do sujeito, expressos mediante a junção, às formas verbais da voz ativa, dos pronomes oblíquos *me, te, nos, vos, se*. Ressalta-se que a voz reflexiva também pode indicar reciprocidade (ação mútua de dois ou mais sujeitos): “Pedro, Paulo e eu nos estimamos”; “Os dias se sucedem (uns aos outros)”.

Os autores, ainda, estabelecem uma distinção entre verbos reflexivos e verbos pronominais (p. 422): “Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, mas não têm o sentido de reflexividade. São os verbos pronominais”. Entre estes, há 1) os que só se usam na forma pronominal: *apiedar-se, condoer-se, queixar-se, suicidar-se*; e 2) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido (debater uma questão, debater-se na água) ou pela construção pronominal (enganar alguém, enganar-se com alguém).

Poderíamos dizer, portanto, que os verbos reflexivos são uma forma circunstancial, enquanto os verbos pronominais são uma forma essencial, ou seja, na qual o pronome faz parte do verbo.

Aprofundando a classificação das vozes do verbo e as gradações da construção reflexiva, Bechara (2009), com base em Coseriu, afirma que

um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional (BECHARA, 2009, p. 176).

Assim, ao refletir sobre o pronome *se* na construção reflexa, afirma: “nossa experiência de mundo admite a hipótese de João banhar-se a si mesmo ou banhar outra pessoa: João banha o filho pela manhã”. Porém, na reflexividade “própria” ocorre a primeira hipótese: *João se banha*.

Já na construção “*João e Maria se amam*”, nosso conhecimento de mundo permite depreender que “João ama Maria” e “Maria ama João” (e não cada um a si mesmo), o que constitui um caso de reflexividade recíproca.

Entretanto, em *O banco só se abre às dez horas*, o sujeito *banco* é um substantivo inanimado; logo, não pode ser agente da ação verbal. Portanto, segundo Bechara (2009, p. 177), “a construção é interpretada como ‘passiva’: é o que a gramática chama voz ‘média’ ou ‘passiva com se’”¹. Porém, isso também poderia se aplicar a certas ações que, por mais que o sujeito não seja inanimado, não são de fato “realizadas”: *Ele se chama João*.

O pronome ainda se junta a verbos que indicam sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se); e movimento ou atitudes da pessoa em relação ao próprio corpo (ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se):

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial. No segundo, os autores chamam o *se* de pronome de realce ou expletivo (BECHARA, 2009, p. 178).

No último caso, também poderíamos acrescentar que o pronome serve para evidenciar matizes de postura do sujeito: “decidir-se a algo” soa mais enfático ou resolutivo do que “decidir algo”.

Finalmente, José Carlos de Azeredo (na Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, 2010), dentre os autores consultados, é aquele que, segundo nos

¹ Sobre a “voz média”, Maria João Marçalo (2007, p. 3) esclarece: “A conjugação dita reflexiva, a que alguns autores chamam ‘Voz Reflexa’, terá sua origem, como se sabe, na voz média presente na língua grega. Podemos remontar a Dionísio de Trácia e lembrar como na sua *Techné* se distinguem três vozes ou diáteses: a que exprime atividade, a que exprime um estado e a que é capaz em simultâneo expressar uma atividade e um estado, a que chamaram mista ou intermédia e que encontramos em alguns autores como voz média, um não muito feliz decalque a partir do latim ‘medium’”.

parece, explorou e sistematizou de forma mais abrangente a questão das construções reflexivas, dos verbos pronominais e da chamada voz média.

Explica Azeredo (2010, p. 277): “O pronome reflexivo revela o papel de ser afetado ou paciente assumido pelo indivíduo ou coisa designados pelo sujeito da frase”, como nos exemplos: “Os turistas se perderam na igreja. Batizei-me nessa igreja. Ana se assustou com o cachorro”.

Ressaltando, no entanto, que uma construção como “Pedro cortou-se” pode ser ambígua (presumivelmente, por não sabermos se Pedro cortou-se de propósito ou se sofreu um acidente), o autor prossegue (p. 277):

“As construções reflexivas padrão seriam, portanto, aquelas cujo sujeito acumulasse o papel de agente e o de paciente conferidos pelo pronome reflexivo (perceptível na paráfrase *Pedro cortou a si mesmo*). Por outro lado, em construções como *Pedro alegrou-se com a volta do filho*, formada por um verbo de sentimento e não de ação, a situação é outra. Nas construções pronominais formadas por verbos desse tipo – de que são exemplos, entre outros, *indignar-se, desesperar-se, aborrecer-se, entusiasmar-se, enfurecer-se, entediar-se* –, ao sujeito só resta o papel de ser afetado” (AZEREDO, 2010, p. 277)

Poderíamos dizer, portanto, que apenas numa parte dos casos – ou seja, os verbos de ação – a construção é cabalmente reflexiva. Para explicar o que acontece nas outras situações, Azeredo, assim como Bechara, utiliza o conceito de voz média (p. 278):

“Nos demais casos, em que o sujeito não deflagra o processo – e portanto não é agente – a construção pronominal realiza o que muitos linguistas chamam de ‘voz média’. Esta designação tem a vantagem de caracterizar a construção pronominal como um meio termo entre a voz ativa e a voz passiva, e será adotada aqui como um rótulo mais amplo do que ‘voz reflexiva’. Esta passa a ser vista como uma variedade da voz média. São exemplos de voz média: Ele não se incomoda com nada. As crianças se divertem com as piruetas do macaco. As nuvens se desfazem rapidamente. A cortina rasgou-se de velha [...]” (AZEREDO, 2010, p. 278).

Ainda segundo o autor (AZEREDO, 2010, p. 278), os verbos chamados pronominais são aqueles que se empregam “obrigatoriamente” com um pronome reflexivo, como *queixar-se, arrepender-se, orgulhar-se*. Caso não se use o pronome, há alteração de significado: *comportar-se (bem)/comportar (algo)*; *despedir-se (de alguém)/despedir (o funcionário)*; *furtar-se (a algo)/furtar (algo)*; *sair-se (bem)/sair (da sala)*. (O autor ressalta, todavia, que há uma classe de verbos em que não se

verifica essa variação semântica, seja na forma reflexiva, seja sem ela, como é o caso do *par lembrar-se/esquecer-se*, de que falaremos mais adiante).

Finalmente, Azeredo dedica especial atenção à pronominalização dos verbos psicológicos (p. 279). Afirma que se trata de ampla classe de verbos, em que o sujeito gramatical é sempre um ser afetado; a causa do estado descrito pelo verbo está fora desse sujeito e, portanto, envolve o emprego de preposição para explicitar o motivo do sentimento: “Ele se emociona ao ler a carta do filho”. “Entusiasma-se com o que vê”. Assim, percebe-se que o papel de “agente” passa a um sintagma preposicional, evidente na possibilidade da reescrita dos exemplos dados: “a leitura da carta o emociona”; “o que vê a entusiasma”. A motivação para o uso dessa estrutura é dada pelo autor (p. 279): “A opção pela construção reflexiva permite que o ser afetado assumo, no lugar sintático do sujeito – início de frase – o papel textual/discursivo de tópico do enunciado”.

Concluindo sua análise, Azeredo afirma: “A classe dos verbos pronominais representa a cristalização de estruturas originalmente constituídas como formações de voz média”, ressaltando a necessidade de se distinguir entre essas construções cristalizadas e aquelas circunstanciais, resultantes de regras sintáticas decorrentes da aplicação do sistema de vozes. Diante da complexidade e das gradações das instâncias de reflexividade, Azeredo (p. 279-281) faz uma proposta de síntese dos verbos pronominais, que tomamos como base para a elaboração do Quadro 1.

Assim, segundo essa classificação, as construções de voz média em que houve ou tende a haver cristalização estrutural se subdividem nos verbos exclusivamente pronominais (essenciais) e nos verbos que adquirem status lexical novo pela pronominalização. Destes últimos, se distinguem aqueles verbos em que houve perda do vínculo semântico e aqueles em que houve alguma conservação desse vínculo.

Por sua vez, as construções de voz média decorrentes da aplicação de regras sintáticas se subdividem nos verbos ergativos (aqueles que envolvem mudança de estado, seja físico ou psicológico), nos verbos propriamente reflexivos (com várias circunstâncias de reflexividade: verbos de movimento corporal, verbos que envolvem ou afetam fisicamente o sujeito, verbos de cuidado pessoal, entre outros), e, finalmente, nos verbos de reflexividade recíproca.

Quadro 1: Proposta de classificação dos verbos pronominais segundo Azeredo, 2010

I. CRISTALIZAÇÃO ESTRUTURAL					
Verbos exclusivamente pronominais (essenciais)		Verbos que adquirem status lexical novo pela pronominalização			
		Perda de vínculo semântico		Conservação de algum vínculo semântico	
<i>queixar-se</i> <i>arrepender-se</i> <i>esgueirar-se</i> <i>atrever-se</i> <i>ausentar-se</i>		<i>despedir-se</i> <i>comportar-se</i> <i>virar-se</i> <i>desfazer-se</i> <i>sair-se</i> <i>furtar-se</i>		<i>abraçar-se</i> <i>aproveitar-se</i> <i>comprometer-se</i> <i>perder-se</i> <i>hospedar-se</i> <i>estender-se</i> <i>vestir-se (ação rotineira)</i> <i>erguer-se</i>	
II. ATUAÇÃO DE REGRAS SINTÁTICAS					
1. Ergatividade (mudança de estado)					
Mudança de estado físico			Mudança de estado psicológico		
<i>quebrar-se</i> <i>queimar-se</i>			<i>assustar-se</i> <i>impressionar-se</i> <i>emocionar-se</i> <i>irritar-se</i>		
2. Reflexividade					
Verbos de movimento corporal sem translação	Verbos de movimento corporal translacional	Verbos ativos que envolvem ou afetam fisicamente o sujeito		Verbos de cuidados pessoais	Verbos de atitude (depoentes)
		Apenas processo	Processo ou resultado		
<i>sacudir-se</i> <i>agitar-se</i> <i>mexer-se</i> <i>levantar-se</i> <i>sentar-se</i>	<i>afastar-se</i> <i>aproximar-se</i> <i>embrenhar-se</i>	<i>coçar-se</i> <i>morder-se</i> <i>beliscar-se</i>	<i>arranhar-se</i> <i>molhar-se</i> <i>descabelar-se</i>	<i>calçar-se</i> <i>pentear-se</i> <i>vestir-se (ação)</i>	<i>calar-se</i> <i>julgar-se</i> <i>sentir-se</i>
3. Reciprocidade					
<i>respeitar-se</i> <i>cumprimentar-se</i> <i>abraçar-se</i>					

Fonte: Elaborado pela autora, com base em AZEREDO, 2010 (p. 280-281).

1.1 Verbos pronominais e regência verbal

Na introdução ao Dicionário Prático de Regência Verbal, Luft aborda a questão dos verbos pronominais a partir da ótica da regência verbal (LUFT, 2010, p. 12). Ele reforça que “pronominais são os verbos que ocorrem acompanhados de pronome oblíquo da mesma pessoa do sujeito, por isso dito ‘reflexivo’ (reflete o sujeito)”. A seguir, apresenta as seguintes orações: “O caçador feriu-se”; “Os amigos se cumprimentaram”; e “Eu me levanto cedo” como exemplos de ocorrência de reflexividade; “O corretor se riu (da proposta)” como exemplo de uso do pronome reflexivo com finalidade expressiva; e “Ninguém se queixou (do tratamento)” como exemplo de construção que não ocorre nunca sem o pronome reflexivo, o qual constitui um pronome essencial (fossilizado), ou seja, o verbo não existe sem ele.

Porém, considera todas as construções acima “transitivas diretas pronominais” (TDp, em sua classificação) – ocorrendo o objeto direto na forma do pronome *se* –, na contramão de outros dicionaristas, que as classificam apenas como “pronominais” (pron., pr. ou p.), o que revela disparidade de critérios – ou seja, uso do critério apenas morfológico, a despeito de o verbo pronominal também exercer função sintática.

Já no caso dos verbos *arrepender-se (de)*, *jactar-se (de)*, *queixar-se (de)*, Luft (2010, p. 13) considera que, além da transitividade direta em questão (representada pelo pronome *se*), ocorre também uma transitividade indireta (marcada pela preposição *de*) – sendo por ele classificados como “transitivos diretos pronominais (indiretos) – TDp(I).

Na mesma linha, os casos em que o reflexivo é objeto indireto, como em “Aqueles pessoas não se falam” (falar *a* pessoas) – recebem a classificação de “transitivos indiretos pronominais” – TIp. Por fim, no exemplo “Arrogar-se direitos” (alguém arroga direitos a alguém), o verbo reflexivo é descrito como “transitivo direto e indireto pronominal” – TDIp.

1.2 O (des)uso do pronome oblíquo dos verbos pronominais

A citada introdução ao Dicionário Prático de Regência Verbal, de Celso Luft, a despeito de sua reduzida extensão, é um texto rico em temas de regência verbal, tanto no sentido da explicação, pelo autor, do seu próprio método de análise e classificação dos verbos quanto à regência, como sobre questões mais específicas da área no que diz respeito a padrões mistos de regência, evolução, o caso dos verbos pronominais e, em especial, o fenômeno da intransitivização e transitivização, o que chamou nossa atenção desde o princípio, despertando-nos para as indagações da presente pesquisa.

Luft (2010, p. 13) insere o apagamento do pronome dos verbos pronominais (e também o acréscimo destes onde supostamente não existem) dentro do fenômeno de intransitivização e transitivização – basicamente, porque os traços semânticos do verbo ditam a regência, o que é “fundamental para compreender mudanças e variações de regência verbal”, do que talvez possamos depreender que, se o verbo tem carga semântica suficiente para se fazer entender sem objeto ou complementos, estes tenderiam a apagar-se.

Para ilustrar o fenômeno, o autor oferece os seguintes exemplos preliminares: “Alguns alunos quase não leem”. Tem-se que *ler* é transitivo direto; mas como aqui está em evidência a “não” ação de ler, o verbo se intransitiva (intransitivização). Já na oração: “O moço riu uma gargalhada cínica”, para fins expressivos, o verbo rir, intransitivo, recebe um objeto direto de seu mesmo campo semântico (transitivização).

Em continuação, no que se refere aos verbos pronominais, descreve o autor:

Transitivização é também a pronominalização de intransitivos analisada acima: rir, sorrir → rir, sorrir-se; ir, partir → ir-se, partir-se. O contrário é também é um fenômeno frequente – intransitivização de transitivos pronominais, com a omissão do reflexivo: *ajoelhar(-se)*, *apagar(-se)*, *casar(-se)*, *deitar(-se)*, *esquecer(-se)de*, *levantar(-se)*, *sentar(-se)*, *sumir(-se)*, etc. É o que se pode chamar de intransitivização por despronominalização ou despronominação. (LUFT, 2010, p. 13-14).

Finalmente, Luft (2010, p. 15) aborda a questão da evolução na regência verbal. Nesse sentido, o autor reitera que “a regência dos verbos é governada pelos traços semânticos destes. Alterados os traços, forçoso é que se altere a regência”. Aqui, Luft oferece exemplos de flexibilização de regência: *agradar a alguém* torna-se *agradar alguém*, certamente por efeito de sinônimos como *contentar*, *satisfazer*.

Assistir a algo torna-se *assistir algo*; o obscurecimento da preposição sofreu influência de verbos que prescindem dela, como *presenciar*, *ver*. *Namorar alguém* torna-se *namorar com alguém*, por causa de traços como companhia, encontro, que se substituem ao sentido de amar, cortejar.

Os exemplos de despronominalização fornecidos mais acima pelo próprio autor – ajoelhar(-se), apagar(-se), casar(-se), deitar(-se), esquecer(-se) de, levantar(-se), sentar(-se), sumir(-se) –, em nosso ver, se inserem nesse quadro de modificação semântica.

Luft (2010, p. 16), finalmente, acrescenta à sua explanação introdutória uma citação de Albert Dauzat, apud Torres, p. 308: “Cada vez que um verbo, por uma evolução de sentido, se torna sinônimo de outros, ele tende a construir-se como o rival cujas posições ameaça e ele procura sobrepujar”. Esse aspecto nos parece aplicável, ou, pelo menos, merecedor de consideração, em relação a alguns casos de desuso do pronome que iremos analisar em nosso levantamento.

No que diz respeito à intransitivização por despronominalização ou “despronominação”, Celso Luft referencia a obra “Fonética Sintática”, de Sousa da Silveira (1971, 2. ed.), a que recorreremos no sentido de obter mais esclarecimentos sobre o fenômeno.

Na seção “Algumas aplicações da fonética sintática” (p. 86), Sousa da Silveira analisa a evolução da expressão “quentar-se ao sol” (constante em excertos de José de Anchieta e Tomás Antônio Gonzaga), para “quentar sol” (retirada de um poema de Carlos Drummond de Andrade), considerando que:

Se recordarmos que há pronunciada tendência para tomarem forma ativa de predicação completa os verbos que se conjugam reflexamente, é-nos lícito suprimir ao infinitivo ‘quentar-se’ o pronome se, o que dará em resultado a frase ‘quentar ò sol’. [...] A seguinte indicação gráfica esclarecerá melhor a evolução da frase: quentar-se ao sol > quentar ao sol > quentar ò sol > quentar o sol > quentar sol (SOUSA DA SILVEIRA, 1971, p. 87).

Afirma ainda o autor (p. 88):

É um caso particular de fenômeno mais geral e que não se verifica só em português: a tendência para tornar mais leves e expeditos certos instrumentos gramaticais de expressão, como, por exemplo, a conjugação passiva e a reflexa. (SOUSA DA SILVEIRA, 1971, p. 88).

Para ilustrar essa constatação, Sousa da Silveira fornece exemplos literários que remontam às obras latinas clássicas, em que já se nota o emprego da forma reflexa do verbo ora com o pronome, ora sem este. Em relação à língua portuguesa, acrescenta mais adiante o autor:

Em português, pode citar-se bom número de verbos que, até na língua literária, aparecem ora com a forma ativa absoluta, ora com a forma reflexa, afigurando-se me que, se para alguns se poderá admitir como anterior a forma ativa, para outros esta é a posterior e resulta da conjugação reflexa à qual se tirou, como um trambolho, o pronome átono. (SOUSA DA SILVEIRA, 1971, p. 92).

agregando, a seguir, diversos exemplos da literatura portuguesa e brasileira de várias épocas, muitas vezes exemplificando o uso variado por parte de um mesmo autor. Alguns desses verbos: *multiplicar-se* (“... A turca geração, que *multiplica* / Na polícia da vossa Europa rica”, Luís de Camões); *mexer-se* (“as folhas nos bosques *mexem* sem vento”, Bocage); *ajoelhar-se* (“D. Antônio de Mariz, adiantando-se até à beira da esplanada para o lado do ocaso, tirou o chapéu e *ajoelhou*”, José de Alencar); *vestir-se* (“*Veste*, por isso, sempre de preto”, Eça de Queirós); *casar-se* (“– Diga-me uma coisa: sua irmã? – Está em Coimbra, *casou*”, id.); *acabar-se* (“*Acabara* o suplício e *acabara* o homem”, Machado de Assis), entre muitos outros.

Em vista dos aspectos levantados pelo autor, percebe-se que a língua literária muitas vezes faculta a construção de uma mesma estrutura, por motivos estilísticos, usufruindo os autores de um grau de liberdade linguística que extrapola a aplicação da norma (mas que reflete, todavia, possibilidades estruturais da língua, muitas vezes já em uso na modalidade falada). Sabe-se, ademais, que as obras literárias constituem em si, a posteriori, a fonte das gramáticas, que elegem, a partir de determinados usos dos autores, as formas-padrão da língua.

Naturalmente, não pretendemos, neste trabalho, proceder a uma investigação diacrônica do fenômeno, sendo nosso objetivo principal nos ater ao corpus em estudo e à resolutividade em lidar com a temática dentro de um escopo prático da revisão textual; entretanto, a busca pela compreensão da origem do fenômeno muitas vezes nos leva a uma ou outra raiz mais profunda, o que só acrescenta ao propósito de bem desempenhar a atividade de revisão.

O fenômeno da transitivação e intransitivação, como descrito por Luft, no contexto dos verbos pronominais, tampouco passa despercebido por Bechara (2009,

p. 223-224), que observa: “Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento”, oferecendo os seguintes exemplos: *agonizar-se, delirar-se, desmaiar-se, envelhecer-se, repousar-se*, dentre outros. Em seguida, também registra o autor: “Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão”, como *aquecer, chamar (ter nome), mudar (de casa), gripar, machucar, formar (obter diploma), classificar (atingir colocação)*.

Bittencourt (2009), em estudo sobre um corpus delimitado de documentos escritos no século XIX, analisa o apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva segundo a perspectiva do processo de gramaticalização, em que há mudança semântica e perda de traços característicos de uma categoria gramatical.

Assim, em determinadas circunstâncias, o pronome átono vai perdendo o seu sentido reflexivo e passa a comportar-se como um afixo esvaziado de sentido, até que, finalmente, é apagado. Segundo a autora, “o zero, ou apagamento de uma categoria, é o último estágio do processo, quando um item gramatical pode desaparecer por ter-se tornado antifuncional” (BITTENCOURT, 2009, p. 140).

Em uma perspectiva contemporânea, elaborada com base no Corpus Brasileiro², Rafael Coelho (online) aponta que as construções reflexivas do português brasileiro ligados a cuidados pessoais, além de produtivas com o uso do clítico *se* em verbos pronominais, também o são com o uso de verbos que ele chama de “leves”, como *fazer* e *tomar*. Com base em seus achados, o autor explicita que a construção desses verbos sem o pronome, de modo intransitivo, constitui “má formação”, de fato ausente do corpus por ele pesquisado. Entretanto, observa o autor:

é notável que, nos verbos de cuidados corporais do português brasileiro, há uma certa tendência de expressá-los como formas transitivas em que a semântica lexical de cuidado corporal não é expressada somente no verbo, mas através da combinação do verbo com um objeto direto de semântica específica. (COELHO, on-line, p. 8)

Assim, registram-se tanto *banhar-se* quanto *tomar banho*; *barbear-se* quanto *fazer a barba*; *vestir-se* quanto *botar a roupa*; e assim por diante, entre outros. Em

² Corpus Brasileiro - coletânea de aproximadamente um bilhão de palavras de português brasileiro, resultado de projeto coordenado por Tony Berber Sardinha (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP), com financiamento da Fapesp.

nosso ver, esse fenômeno parece convergir para a tendência de desuso do pronome reflexivo na modalidade escrita da língua, conforme descrita pelos autores estudados.

1.3 O caso dos verbos lembrar e esquecer

A regência e a pronominalidade do par de verbos lembrar(-se)/esquecer(-se) é objeto de particular atenção por parte de alguns dos estudiosos consultados, por envolver uma multiplicidade de formas de construção registradas no uso da língua.

Segundo Cunha & Cintra (p. 530), do cruzamento das duas construções do verbo, ou seja, com objeto direto e com objeto indireto introduzido pela preposição *de* quando pronominal, surgiu uma terceira, sem o pronome reflexivo, mas com o objeto introduzido por *de*: “Esqueceu dos deveres religiosos”. Construção viciosa segundo os gramáticos, mas de uso diário na fala dos brasileiros, “já vem se insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo [...] (Ah, sim, esqueci de confessar quando a vi)”.

O mesmo tipo de regência dita viciosa se encontra no verbo antônimo *lembrar(-se)* (de alguém ou de algo): “Lembrava do negro velho Macário...”.

Moura Neves, em sua Gramática de Usos do Português (2011), de modelo descritivo, elaborada sobre a base de dados Unesp³, também traz um registro sobre o uso do par de verbos lembrar/esquecer (p. 38-41). Assim como Cunha & Cintra, Neves ressalta que, de acordo com a gramática tradicional, *lembrar(-se)*, tanto quanto *esquecer(-se)*, constrói-se como objeto direto, quando não pronominal, e com objeto indireto (introduzido pela preposição *de*), quando pronominal.

Entretanto, a autora aponta a ocorrência de construções mistas, como: “Lembro dele na casa da Avenida do Contorno”. “É bom lembrar de que há poesia popular em todo o Brasil”. “O diretor do Teatro lembrou-se que não dormira durante a noite”. “Não se esqueça que você comeu do bom e do melhor”. “Não esqueça também de mandar cotar” (NEVES, 2010, p. 38-41).

Finalmente, Azeredo (2010, p. 278-279) observa que há também um grupo de verbos intransitivos ou transitivos que, sem variação da semântica, ora se

³ Base de dados de 70 milhões de ocorrências, armazenada no Centro de Estudos Lexicográficos da Universidade Estadual Paulista - Unesp.

expressam na forma reflexiva, ora sem ela. Um caso típico desse conjunto seria o par *lembrar/esquecer*, em construções como: “Lembrei-me de você/Ela se esqueceu (d)o chapéu” > “Lembrei de você/Ela esqueceu (d)o chapéu”, e de alguns poucos verbos intransitivos, como *ir*: “Eles se foram daqui para sempre”.

O autor adverte, entretanto, que não se deve confundir o caso acima com variação geográfica entre as regiões brasileiras, citando como exemplos: “Acordo cedo todos os dias/acordo-me cedo todos os dias”; “Arrependi/me arrependi”; “Ele não queixa de nada/ele não se queixa de nada”; “Minha filha formou/Minha filha se formou”.

2 METODOLOGIA DO LEVANTAMENTO

Conforme o objetivo deste trabalho, procedeu-se à busca por casos de não uso do pronome oblíquo átono de verbos pronominais em meio a um corpus relativamente extenso de documentos com cerca de 50 a 200 páginas cada um, produzidos pelo Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais, do Ministério da Saúde, ao longo dos últimos anos (de 2008 a 2016). Esses documentos incluem diretrizes, manuais, protocolos, guias e outros documentos técnicos da área da Saúde e foram regularmente submetidos a revisão textual, antes de sua publicação, por parte da autora deste trabalho, tendo-se conservado as respectivas versões preliminares revisadas. A revisão se faz por meio da função “Revisão” do editor de textos Word, que registra e exhibe, seja no corpo do documento, seja em coluna à direita da página, as alterações efetuadas.

Não é nosso propósito realizar um estudo estatístico sobre a frequência da omissão do pronome reflexivo de verbos pronominais na língua escrita, em determinado contexto. O objetivo é reunir, dentro do corpus escolhido, uma amostra suficiente de ocorrências para permitir uma ilustração do fenômeno, na forma como este pode se apresentar no cotidiano de trabalho do revisor de textos, além de elaborar uma exemplificação de análise com vistas à realização de intervenção. Pretende-se buscar uma apreensão do fenômeno para se pensar a revisão textual.

Entretanto, para oferecer uma ideia, o corpus consistiu em aproximadamente 50 documentos, tendo sido pesquisados cerca de 35; as ocorrências dos verbos com omissão do pronome foram encontradas em 27 deles. A busca foi interrompida quando se atingiu um tamanho razoável de amostra para a elaboração do presente trabalho (48 ocorrências).

No Apêndice A, apresenta-se a lista dos documentos originais preliminares, submetidos a revisão textual, em que se encontraram as ocorrências de desuso do pronome. Cada um deles recebeu uma sigla identificadora para fins de citação, quando da reprodução dos excertos.

2.1 Procedimentos

Realizou-se uma procura pelo clítico *se* por meio do mecanismo de busca do Word, refinada por “palavra inteira”, a fim de se evitarem as ocorrências da sílaba *se* no interior de palavra. A escolha do procedimento partiu do pressuposto de se encontrarem os pronomes acrescentados após a revisão, evidenciando-se, assim, os casos de omissão destes.

Como a escrita oficial ou acadêmica quase sempre se faz no discurso indireto – salvo em raras transcrições de fala –, consideramos irrelevante, para fins do presente estudo, procurar pelos pronomes reflexivos *me*, *te*, *nos* e *vos*.

À medida que se localizavam os clíticos em questão, descartavam-se de imediato os casos em que o *se* exercia funções que não de pronome reflexivo, ou seja, de conjunção, partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, e assim por diante⁴.

Em alguns casos, para fins de comparação, foram incluídos exemplos do uso esperado do pronome reflexivo pelo mesmo autor (ou grupo de autores), de forma a evidenciar a variação muitas vezes característica da gramática individual, no âmbito da flutuação do uso registrada pelos autores consultados acima.

O agrupamento fez-se com base nas diferenciações dos tipos de reflexividade (mais adequadamente, variantes da voz média) realizadas pelos gramáticos visitados, em especial Azeredo, conforme o Quadro 1, à p. 22, acima. Consideramos que essa tentativa de classificação dos achados auxiliaria a apreensão do fenômeno, buscando-se tendências ou padrões comparáveis dos casos de desuso do pronome reflexivo.

Para a análise, descartaram-se as ocorrências repetidas de um mesmo verbo, ou seja, quando estas se verificavam em entornos sintáticos ou semânticos semelhantes. Ao final deste trabalho, encontra-se apenas a lista completa das ocorrências encontradas, com as respectivas intervenções.

⁴ Se como conjunção subordinativa: “Se tivéssemos nos apressado, não teríamos perdido a palestra”. Se como partícula apassivadora (ou pronome apassivador): “Registraram-se vários casos de contágio” (para identificar a natureza dessa construção, pode-se mudar o verbo para a voz passiva analítica: “Foram registrados vários casos de contágio”). Se como índice de indeterminação do sujeito: “Precisa-se de técnicos em laboratório” (da mesma forma, para reconhecer essa função, pode-se substituir o *se* por *algo* ou *alguém*: “Alguém precisa de técnicos em laboratório”).

2.2 Normas e recomendações

Para analisar as ocorrências encontradas, à luz das normas e recomendações de referência, tomamos por base, primordialmente, o Dicionário Prático de Regência Verbal de Luft, tendo em vista a sua abrangência e especificidade para o fim a que se propõe. Para reforço e aprofundamento da análise, como instrumentos amplamente conhecidos e utilizados pelos profissionais da língua portuguesa, recorreremos ao Novo Dicionário Eletrônico Aurélio e, nos casos em que se fez necessário buscar uma complementação ou um ponto de vista divergente, ao Dicionário Houaiss Eletrônico.

As propostas de intervenção aqui apresentadas a cada caso refletem, de modo geral, a revisão realizada à época do trabalho sobre os documentos, incluindo as demais alterações efetuadas no entorno oracional (às quais, entretanto, não se dará ênfase). A diferença é que o presente trabalho ofereceu uma oportunidade para repensar e fundamentar as intervenções realizadas, em comparação com o método muitas vezes empírico e rotineiro com que a revisão textual foi originalmente conduzida.

Na maior parte dos casos, a intervenção consistiu na recuperação do pronome, obedecendo-se às regras de colocação pronominal ditadas pela norma padrão. Porém, em alguns casos, encontrou-se respaldo para manter o não uso do pronome, preservando-se a construção original.

No âmbito das propostas de revisão constantes do presente trabalho, constituíram referência complementar as normas e orientações de colocação pronominal e de regência constante das gramáticas constantes do referencial teórico.

Como instrumentos de uso recomendado pelo profissional de revisão de textos que atua no âmbito da administração pública e da área da Saúde, também se consultaram o Manual de Redação da Presidência da República e o Manual de Redação da Secretaria de Vigilância em Saúde.

O Manual de Redação da Presidência da República, de 2002, assim como outras publicações oficiais de diversos órgãos que a ele se seguiram⁵, é considerado um documento de base para orientar a escrita no ambiente governamental, segundo parâmetros de impessoalidade, formalidade e padronização, concisão e clareza (BRASIL, 2002, p. 4-6). Tem a função precípua de estabelecer o padrão dos documentos oficiais (Avisos, Ofícios, memorandos, etc.) e dos atos normativos. Em seu Capítulo 3, “Elementos de ortografia e gramática” (BRASIL, 2002, p. 29), preconiza o uso da gramática formal, “entendida como o conjunto de regras fixado a partir do padrão culto de linguagem”, enfatizando a necessidade de se consultar dicionários e gramáticas para a produção de textos oficiais.

O mesmo se aplica ao Manual de Redação da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), órgão ao qual está subordinado o Departamento de IST, HIV/Aids e Hepatites Virais. Como ponto de interesse adicional, a seção de regência do Manual de Redação da SVS inclui uma observação a respeito da possível dificuldade colocada pelas divergências entre a língua falada e a escrita:

O conhecimento da regência faz parte das habilidades a serem dominadas por um usuário da língua. Então, não há com o que se preocupar. Exceto pelo fato de que há certas palavras em que a chamada gramática normativa preceitua um tipo de regência, mas a língua oral já não mais a utiliza. (BRASIL, 2014, p. 79)

para, em seguida, remeter o leitor ao Manual de Redação da Presidência da República, para consulta de alguns verbos de uso frequente cuja regência muitas vezes suscita dúvidas (a exemplo de *aspirar*, *consistir*, *implicar* e *visar*). Não há referência específica em nenhum dos dois documentos sobre o caso dos verbos pronominais; porém, dá-se por subentendida a orientação para o uso da gramática tradicional.

Naturalmente, os dicionários atuais muitas vezes facultam a regência dos verbos pronominais tradicionais, admitindo alguns casos de intransitividade. Assim, deparamo-nos com a questão de como proceder – os dicionaristas abrem novas

⁵ A exemplo dos Manuais de Redação de diversas outras Secretarias do Poder Executivo, do Senado Federal, da Câmara dos Deputados, dos vários tribunais pertencentes ao Poder Judiciário, entre outros.

possibilidades, mas a norma culta, muitas vezes introjetada por quem revisa, tende a requerer o pronome tradicionalmente usado, exercendo sua força centrípeta.

A professora Maria Tereza Piacentini (2011, on-line) corrobora essa percepção. Segundo ela, “Ao pesquisar em dicionários (comuns e de regência), descobre-se que há possibilidades diversas; já existe um aval para a eliminação, mesmo no nível culto, do pronome reflexivo junto com os verbos citados [*casar, sentar, mudar*]”. Embora a autora não amplie essa lista, a observação pode aplicar-se a outros verbos cuja pronominalização é facultada pelas obras de referência, como se evidencia no levantamento a seguir. Porém, ainda nos parece propícia a uma aplicação geral a posterior argumentação da autora:

O cuidado que se deve ter, para que o texto seja considerado bom e agradável de ler, é com a clareza em primeiro lugar. Por exemplo, se você escreve “finalmente resolvi mudar”, não se sabe qual o sentido: mudar o quê? Portanto, se for deslocamento de um lugar para outro, escreva “finalmente resolvi me mudar”. Depois vem a sonoridade da frase – muitas vezes “nos mudamos” soa melhor do que “mudamos”. Isso significa que não é preciso haver uniformidade, isto é, empregar o pronome todas as vezes ou suprimi-lo sempre. Pode-se variar no caso dos verbos casar, sentar e mudar, conforme a clareza ou sonoridade que se deseja. [...] No mais, é recomendável usar os pronomes reflexivos sempre que a situação o exija. É melhor e mais culto falar “ele se formou na USP” do que “ele formou na USP”, só para dar outro exemplo (PIACENTINI, 2011, on-line).

Não perdemos de vista, todavia, que tais considerações envolvem um grau de subjetividade muitas vezes difícil de justificar e situar, devendo ser levadas em conta, primordialmente, no âmbito de uma revisão textual orientada pela gramática tradicional e pela norma padrão da língua, como é o presente caso. Em contextos de escrita mais informal, como nas linguagens publicitária, jornalística, literária, entre outras, supõe-se que a flexibilidade de regência pode e mesmo deve ser usada, em prol de uma comunicação mais direta com o receptor da mensagem.

3 OCORRÊNCIAS, COMENTÁRIOS E INTERVENÇÕES

A seguir, passaremos à listagem dos achados do levantamento, representados pelos verbos pronominais em que se verificou o desuso do pronome. Procurou-se ordenar a reprodução dos excertos a partir da proposta de sistematização dos verbos pronominais feita com base em Azeredo (2010, p. 279-281). Conforme vimos, os verbos pronominais podem-se distinguir, num plano geral, entre aqueles decorrentes de uma cristalização estrutural e aqueles em que se dá a atuação de regras sintáticas; estes últimos são caracterizados pela ergatividade (mudança de estado), reflexividade propriamente dita e reciprocidade.

À reprodução de cada excerto (em forma de *print* da localização original, sem marcas de revisão) seguem-se comentários sobre o exemplo dado, à luz dos dicionaristas mencionados, e, ao final de cada entrada, consta uma proposta de intervenção textual. O verbo analisado em cada ocorrência encontra-se sublinhado na proposta de intervenção correspondente.

No Apêndice B, apresenta-se a reprodução completa dos achados e as respectivas propostas de intervenção.

3.1 Cristalização estrutural

INICIAR(-SE)

Ocorrência 1:

É no final da década de 80 que inicia o fomento para estruturação de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) considerados modalidade alternativa de serviços de saúde, devendo oferecer sorologia anti-HIV gratuita, confidencial e anônima, além de prover educação e aconselhamento para os indivíduos sob risco de infecção pelo HIV.

(DCTA09, p. 6)

Celso Luft, no Dicionário Prático de Regência Verbal (2010, p. 335), admite o uso do verbo *iniciar* no sentido pronominal sem o pronome (intransitivização), como neologismo: “TDp ou (neol). Int: iniciar(se). Ter início; começar: O curso (se) inicia na próxima segunda-feira”. Já o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio descreve o verbo

como intransitivo (e informal) apenas no sentido de “passar (um computador, sistema, etc.) por processo de iniciação”. Por sua vez, o Dicionário Houaiss Eletrônico não oferece nenhum caso de sintaxe intransitiva.

Assim, optamos pelo acréscimo do pronome (também no exemplo a seguir), visando uma conformidade mais estreita com a norma padrão.

Proposta de intervenção:

É no final da década de 80 que se inicia o fomento para a estruturação de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), considerados modalidade alternativa de serviços de saúde, os quais devem oferecer sorologia anti-HIV gratuita, confidencial e anônima, além de prover educação e aconselhamento para os indivíduos sob risco de infecção pelo HIV.

Ocorrência 2:

relativamente baixas. Terapia antidepressiva antecedendo o início da terapia do HCV, pode ser considerada como estratégia de adesão ao tratamento; deve ser enfatizado que o efeito terapêutico normalmente inicia após 8 a 14 dias do seu início.

(PHC12, p. 63)

Aqui, a escolha recaiu sobre a substituição do verbo *iniciar* pelo pronominal *manifestar-se*, a fim de evitar sua repetição substantivada no começo e no final da oração. A substituição efetuada também pretendeu dar ao fenômeno descrito um significado mais apropriado e preciso.

Como observação adicional, especula-se que a obliteração do pronome na forma pronominal do verbo *iniciar* possa dever-se, em parte, à proximidade semântica com o verbo *começar*, não pronominal, com o qual costuma ser usado em alternância.

Proposta de intervenção:

A terapia antidepressiva que antecede o início da terapia do HCV pode ser considerada como estratégia de adesão ao tratamento; deve-se enfatizar que o efeito terapêutico normalmente se manifesta após 8 a 14 dias do início do tratamento.

REFLETIR(-SE)

Ocorrência:

de casos, comportamentos e vulnerabilidades, dentre outros. Além disto, a ausência de registro pode refletir na programação orçamentaria do Poder Público, comprometendo a racionalização do sistema para o fornecimento contínuo de medicamentos.

(BEHIV16, p. 1)

No sentido de “transmitir-se, repercutir-se, comunicar-se”, como parece ser o caso acima, o Aurélio indica a pronominalidade do verbo *refletir*. “A crise do café refletiu-se na economia global”. Entretanto, além da além da forma pronominal, admite a forma transitiva indireta na acepção de “fazer eco; recair; incidir: A grande vitória refletiu em todo mundo”.

Luft (p. 442) agrega observação semelhante, citando o mesmo exemplo: “T(Dp)I: refletir(-se) em, sobre... Fazer eco; recair; incidir; repercutir(-se): ‘A crise do café refletiu-se na economia global’ (Aurélio Eletrônico) ou ... refletiu na economia global”. Em vista da alternativa, preferimos recuperar a pronominalidade do verbo.

Proposta de intervenção:

Além disso, a ausência de registro pode refletir-se na programação orçamentária do Poder Público, comprometendo a racionalização do sistema para o fornecimento contínuo de medicamentos.

ENCONTRAR(-SE)

Ocorrência:

Mas como podemos ultrapassar a fronteira da família para a rede social significativa do sujeito? De acordo Sluzki (ANOXX) na prática clínica, podemos incluir algumas perguntas que ajudam a estabelecer as fronteiras desta rede:

- Quem são as pessoas importantes da sua vida?
- Com quem você conversou ou encontrou, nessa última semana?
- Quando você está com vontade de visitar alguém, para quem você liga?
- Com quem você se encontra regularmente?”

(ASM12, p. 39)

Aqui se tem, no mesmo parágrafo, um exemplo de gramática individual em que ora se eliminou o pronome do verbo *encontrar(-se)* (*com*), ora se aplicou sua forma pronominalizada. Nesse sentido, informa Luft (p. 241): “TDp(I): encontrar-se

(com...); Ir ter; procurar; avistar-se; ter conferência aprazada ou casual: Amanhã me encontro com o diretor. Amanhã eles devem se encontrar”. Ainda que em um sentido algo diverso do exemplo acima, o autor (p. 240) também fornece a seguinte possibilidade de regência pronominal do verbo: “T(Dp)I: encontrar(-se) com... (+Locativo). Dar de frente; topar (por acerto ou acaso); defrontar(-se); deparar(-se).

O Dicionário Houaiss descreve a possibilidade de regência transitiva indireta do verbo no sentido de “ir ao encontro de: [...] encontrou com a moça na esquina”. Por sua vez, no sentido de “encontrar, ir ter com alguém”, o Aurélio apresenta apenas o uso pronominal do verbo.

Note-se, também, que o não uso do pronome na primeira ocorrência do verbo encontrar no exemplo (“Com quem você conversou ou encontrou, nessa última semana?”) pode apontar para um paralelismo entre *conversou* e *encontrou*.

Proposta de intervenção:

Mas como podemos ultrapassar a fronteira da família e alcançar a rede social significativa do sujeito? De acordo com Sluzki (1997), na prática clínica podemos incluir algumas perguntas que ajudam a estabelecer as fronteiras dessa rede:

- Quem são as pessoas importantes da sua vida?
- Com quem você conversou ou se encontrou, nessa última semana?
- Quando você está com vontade de visitar alguém, para quem você liga?
- Com quem você se encontra regularmente?

COADUNAR(-SE)

Ocorrência:

A proposta de avaliação e publicação deste estudo de campo coaduna com uma das principais diretrizes da atual gestão de ampliação da testagem e início do tratamento para todas as pessoas portadoras do HIV, considerando-se que por meio do diagnóstico precoce e do tratamento oportuno será possível reduzir a mortalidade por Aids no Brasil.

(BPPV14, p. 41)

Para o Aurélio Eletrônico, na acepção de “conformar-se, combinar-se, harmonizar-se”, o verbo *coadunar* é pronominal (coadunar-se). Da mesma forma é descrito por Luft (p. 121): “TDp(I): coadunar-se (com...). Conformar(-se), combinar(-

se), harmonizar(-se). [...] Tais atitudes não se coadunam (com a sua posição)” e pelo Houaiss: “seu comportamento não se coadunava com a educação que recebera”. Assim, recuperamos a forma pronominal do verbo.

Proposta de intervenção:

A proposta de avaliação e publicação deste estudo de campo se coaduna com uma das principais diretrizes da atual gestão de ampliação da testagem e início do tratamento para todas as pessoas portadoras do HIV, considerando-se que, por meio do diagnóstico precoce e do tratamento oportuno, será possível reduzir a mortalidade por aids no Brasil.

ESQUIVAR(-SE)

Ocorrência:

podem adquirir. O usuário só se abre se confia que será aceito. Por exemplo, um usuário que tenha suspenso suas medicações: se o serviço desenvolveu com ele uma relação de cobranças e “brincas”, o mais provável será o paciente esquivar dos atendimentos ou mentir ao profissional. Ao contrário, se o profissional de saúde

(ASM12, p. 19)

O Dicionário Aurélio Eletrônico exprime a forma pronominal do verbo *esquivar* como “furtar-se, eximir-se: “Não se esquia dos seus deveres”, que nos parece corresponder ao sentido pretendido pelo autor do excerto acima. Da mesma forma se posiciona Luft (p. 278): “TDpl: esquivar-se a, de... Eximir-se; furtar-se. Esquivar-se das obrigações, dos deveres”. Também: “TDp(l): esquivar-se (a, de...)”; “Esquivar-se de (ou a) perigos”.

Todavia, pensamos que a forma transitiva direta do verbo, apontada por ambos os autores, no sentido de “Evitar (pessoa ou coisa que nos ameaça ou desagrada): esquivar problemas” (Aurélio), também seria aplicável ao caso. Assim, teríamos outra possibilidade de intervenção: “o mais provável será o paciente esquivar os atendimentos”.

Entretanto, optamos pela forma pronominal, por considerá-la mais adequada a transmitir o sentido de escapar furtivamente de um evento indesejado.

Proposta de intervenção:

Por exemplo, um usuário que tenha suspenso suas medicações: se o serviço desenvolveu com ele uma relação de cobranças e “brincadeiras”, o mais provável será o paciente se esquivar dos atendimentos ou mentir ao profissional.

ATRASAR(-SE)

Ocorrência:

estivesse morta. Entretanto, o profissional observa que a mesma não falta e nem mesmo atrasa para as consultas, mostra-se interessada em entender o que deve e o que não deve fazer para se sentir melhor. Quando se investiga a vida social e

(ASM12, p. 50)

A tendência natural de intervenção, no âmbito da norma culta, seria adotar a forma pronominal do verbo: *atrasar-se*. De fato, tanto o Aurélio Eletrônico como Luft (p. 85-86) descrevem seu uso pronominal no sentido de “deixar de fazer alguma coisa no tempo devido”, “fazer algo com menos presteza do que era de se esperar”, e, especialmente, “Não conseguir chegar a tempo: Atrasou-se para o batizado” (Aurélio).

Porém, o mesmo Aurélio indica seu uso intransitivo na mesma acepção, embora sem o complemento (para): “O relógio atrasou”, “O avião atrasou, com o mau tempo”. Luft detalha as possibilidades de regência do verbo: “TDp ou Int: atrasar(-se). Pôr(-se) para trás; retardar(-se)”; “o relógio (se) atrasa”; “Int ou TI: atrasar(-se). Chegar após a hora regular: O avião (trem) se atrasou ou atrasou”.

Consideradas as duas possibilidades, decidimos recuperar a forma pronominal do verbo, que nos parece mais frequente no registro culto da língua.

Proposta de intervenção:

Entretanto, o profissional observa que a paciente não falta e nem mesmo se atrasa para as consultas, mostrando-se interessada em entender o que deve e o que não deve fazer para se sentir melhor.

APLICAR(-SE)

Ocorrência:

Esta recomendação não aplica a transgêneros do sexo masculino que fizeram cirurgia de reatribuição sexual. São necessários recursos consideráveis para circuncisão masculina em

(MPT11, p. 42)

Aqui nos parece inevitável a utilização da forma pronominal do verbo *aplicar*, no sentido de “acomodar-se, adaptar-se, adequar-se” (Aurélio Eletrônico), para o que corroboram os dicionaristas ora consultados. Luft (p. 63) indica a regência do verbo como segue (embora colocando entre parênteses o pronome reflexivo): “TDpl: aplicar-se a... Ajustar(-se); adequar(-se): Aplicou as novas ideias a fatos diversos”.

Como consideração adicional, vez que o trecho representa uma tradução do inglês, reportamo-nos ao documento original para ponderar a escolha do tradutor, e encontramos: “This recommendation does not apply to transmen who have undergone sexual reassignment surgery”⁶. Como se pode ver, o verbo original em inglês, *apply*, constitui exemplo de voz média intransitiva, o que pode ter influenciado a omissão do pronome reflexivo na tradução ao português.

Proposta de intervenção:

Essa recomendação não se aplica a transgêneros do sexo masculino que fizeram cirurgia de reatribuição sexual.

CERTIFICAR(-SE)

Ocorrência:

Certificar que as prescrições foram devidamente compreendidas. Várias estratégias de esclarecimento (símbolos, desenhos, cores, tabelas etc) podem ser usadas (ver Capítulo V).

(MAT08, p. 27)

Segundo Luft (p. 113-114), a regência aplicável a esse caso seria: “TDpl: certificar-se de algo. Tornar(-se) certo, (fazer), adquirir a certeza de; convencer(-se); persuadir(-se): Certificaram-no do ocorrido. Certifiquei-o/Certificou-se de que suas

⁶ WHO. **Prevention and treatment of HIV and other sexually transmitted infections among men who have sex with men and transgender people: Recommendations for a public health approach.** World Health Organization, 2011.

condições seriam respeitadas”. Todavia, o mesmo autor observa a seguir: “Como se sabe, na sequência *de + que* “conjunção integrante”, a preposição é possível de elipse”, ajuntando exemplos literários, o que, no caso em tela, também parece explicar a queda da preposição *de*.

Tanto Luft como o Aurélio Eletrônico também agregam a regência de *certificar* como verbo transitivo direto, no sentido de “passar certidão de; “atestar”: Um médico deve certificar o óbito”. Nesse sentido, à primeira vista, parece também se tratar de um exemplo de despronominalização por aproximação com verbos não pronominais do mesmo campo semântico, como *garantir, atestar*, o que igualmente poderia ter induzido a queda da preposição *de*. No entanto, o caso em questão nos parece antes um exemplo de voz média do que de voz ativa, razão pela qual recuperamos o pronome e a preposição.

Proposta de intervenção:

Certificar-se de que as prescrições foram devidamente compreendidas. Várias estratégias de esclarecimento (símbolos, desenhos, cores, tabelas etc.) podem ser usadas [...].

OPERAR(-SE)

Ocorrência:

51. **[SOMENTE PARA HOMEM]** Você já operou de fimose ou fez circuncisão?
 a. Sim
 b. Não

(PCAP16, p. 9)

Luft (p. 384) descreve o verbo *operar* como transitivo direto ou intransitivo no sentido de “fazer operação cirúrgica (em)”. Como transitivo direto pronominal (TDp) recebe um único exemplo, “operar-se”, no sentido de “produzir-se; realizar-se; ocorrer: Operou-se grande mudança”. Registre-se que o autor não fornece a acepção de “submeter(-se) a operação cirúrgica” dada pelo Houaiss Eletrônico: [...] operou-se do apêndice”.

Por sua vez, o Aurélio descreve o verbo *operar* tanto como pronominal quanto como intransitivo em ambas as acepções, indistintamente: “Realizar operações cirúrgicas. Sofrer intervenção cirúrgica”.

Diante da alternativa fornecida por esse último autor, e considerando a informalidade do contexto (trata-se da transcrição de um questionário aplicado a um público-alvo), decidimos por manter o verbo intransitivado, como se encontra.

Proposta de intervenção:

Você já operou de fimose ou fez circuncisão?

TRATAR(-SE)

Ocorrência:

Dentre os fatores pré-tratamento que foram identificados, entre os pacientes (genótipo 2 ou 3) que trataram por 24 semanas, como significativos preditores de RVS, estão a ausência de fibrose hepática avançada ou cirrose de acordo com biópsia (OR 2.06, 95% IC 1.27-3.33; P = 0,0032), e menor carga viral do

(PHC12, p. 40)

O exemplo acima suscitou-nos dúvidas sobre se estaríamos diante de um caso de reflexividade – ou seja, tratar(-se) como verbo de cuidado pessoal –, ou, por outro lado, se envolveria a noção de processo, de que a pessoa foi tratada ao longo do tempo (ergatividade) e seu estado de saúde melhorou.

Porém, chega-se à conclusão de que este é um caso de voz média geral: não é a pessoa que se trata por conta própria, embora seja a responsável por tomar a medicação. O tratamento é prescrito pelo médico. Isto é, há a noção de passividade (passiva com “se”), no sentido de “os pacientes foram tratados”.

Assim, no sentido referente a tratamento ou cuidado em saúde, o Aurélio dá a acepção transitiva direta do verbo na voz ativa, ou seja, caracteriza a ação do agente: “O médico tratou a doença”. Também agrega os casos da transitividade direta e indireta, como em “Tratou a infecção pela penicilina”, e o da transitividade indireta: “O médico tratou da doença”. Todavia, no sentido que aqui cabe, de “cuidar da própria saúde”, classifica o verbo como pronominal: “Você não está bem, procure tratar-se”. Luft acompanha essa classificação, acrescentando a possibilidade de transitividade direta pronominal (e indireta): “TDp(I): tratar-se (com...) [...] Ele prefere tratar-se com chás”.

Tanto em um quanto em outro autor, não há menção a uma transitividade direta ou tampouco intransitividade do verbo *tratar* no sentido do cuidado voltado a si mesmo. Assim, optamos por recuperar o pronome do verbo.

Proposta de intervenção:

Dentre os fatores pré-tratamento identificados nos pacientes de genótipo 2 ou 3 que se trataram por 24 semanas, constituem significativos preditores de RVS a ausência de fibrose hepática avançada ou cirrose de acordo com biópsia [...].

DIAGNOSTICAR(-SE)

Ocorrência:

Especialidades em saúde (CRES). “Como a cidade é pequena, tem casos de pessoas que diagnosticaram positivo conosco, mas se recusam a fazer o confirmatório no CTA da cidade e dizem que vão procurar um serviço em Salvador. Nesses casos não conseguimos ter um retorno do serviço”, explicou Paulo.

(BPPV14, p. 39)

No presente exemplo, o verbo *diagnosticar* pressupõe a passividade de quem recebe um diagnóstico por parte de um profissional de saúde. Aqui não há sequer a possibilidade de uma ação complementar a cargo do paciente (caso de *tratar*, acima, em que a pessoa tem alguma participação ao seguir a prescrição médica). A construção mais natural, em nosso ver, seria com a voz passiva: “há casos de pessoas que foram diagnosticadas positivamente conosco”, ou mediante uma construção como “que receberam diagnóstico positivo conosco”. A esse respeito, de fato, nem Luft (p. 211) nem o Aurélio dão alguma acepção pronominal ao verbo.

Todavia, considerando que a possibilidade do uso pronominal deste verbo não se distancia dos demais casos aqui examinados, e no intuito de não realizar mudança que venha a interferir no estilo do autor ou na forma mais ampla segundo a qual o vocábulo parece estar sendo usado e compreendido, elegemos aplicar a forma pronominal do verbo.

Proposta de intervenção:

“Como a cidade é pequena, há casos de pessoas que se diagnosticaram positivamente conosco, mas se recusam a fazer o confirmatório no CTA da cidade e

dizem que vão procurar um serviço em Salvador. Nesses casos, não conseguimos ter um retorno do serviço”, explicou Paulo.

ESQUECER(-SE)

Ocorrência 1:

tomar os ARV todos os dias nas horas marcadas. Caso, esqueça de tomar na hora marcada, não pare de tomar os ARV, continue a seguir o horário previsto.

(ASA15, p. 5)

Conforme explanado na seção 1.3, acima, muitos estudiosos fazem observações específicas sobre o par de verbos *lembrar/esquecer*, por serem estes sujeitos a uma gradação de transitividade verificada tanto na modalidade falada quanto escrita, sem alteração do seu valor semântico intrínseco.

Como no exemplo acima, a maior parte das ocorrências encontradas em nosso levantamento mostra o desuso do pronome na construção com preposição seguida de outro verbo no infinitivo, como ressaltam Cunha & Cintra (2013, p. 530, cit.). Muito embora essa estrutura já se verifique em exemplos da língua escrita literária, os autores ressaltam que os gramáticos continuam a considerá-la “viciosa”. De fato, o Aurélio Eletrônico não reconhece essa possibilidade, oferecendo apenas as formas transitiva direta (sem preposição, com objeto direto) e a forma pronominal (com preposição e objeto indireto).

Por sua vez, Luft (p. 277), em uma ótica mais descritiva, resalta: “O brasileirismo *esquecer de* pode derivar de *esquecer-se de*, por despronominação”, ou do cruzamento de “*esquecer x + esquecer-se de x*”. Prossegue, porém, reiterando as supracitadas ponderações de Cunha & Cintra sobre a aceitabilidade da construção pelos gramáticos.

Ademais, acrescenta Luft (p. 277) que a construção com o relativo *que* (“Esquecer-se de que...”) permite a elipse da preposição (em exemplos literários): “Não se esqueceu que foram criados juntos”. Entretanto, tal situação não foi encontrada em nosso levantamento.

Em vista da falta de anuência prescritiva em relação à flexibilização do uso da forma pronominal do verbo, recuperamos o pronome *se* em todas as situações semelhantes.

Proposta de intervenção:

Caso você se esqueça de tomar o remédio na hora certa, não pare de tomar os ARV; continue a seguir o horário previsto.

Ocorrência 2:

Para avaliar possíveis alterações de memória, pode-se investigar se o usuário esquece coisas importantes do seu cotidiano, se sabe qual a quantidade de comprimidos e horário de ingestão, ou se esquece de tomar os remédios, por exemplo.

(ASM12, p. 34)

O trecho acima inclui duas ocorrências do verbo esquecer, sendo a segunda semelhante à previamente discutida. Já na primeira, a ausência da preposição *de* parece legitimar a regência transitiva direta do verbo (com o complemento do objeto direto), como o prevê Luft (p. 278), assim como os demais autores consultados, o que autorizaria a manutenção da forma original do excerto.

Entretanto, o uso da forma transitiva direta transmite uma impressão de esquecimento definitivo de algo – o que não nos parece constituir o sentido pretendido pelo autor do excerto, vez que o contexto faz supor que se trata de um esquecimento transitório, causado por alterações de memória. De fato, para o Aurélio, esquecer como verbo transitivo direto significa “Deixar sair da memória; perder da lembrança: A humanidade jamais esquecerá os crimes do nazismo”; da mesma forma, exemplifica Luft (p. 278): “TD: Esquecê-lo; esquecer que... Tirar da memória ou da lembrança; procurar não se lembrar de: Esquecer o incidente, os fatos. Esquecer coisas ou pessoas, o passado”.

Em vista dessas considerações, e por coerência, optamos por aplicar a forma pronominal do verbo, seguida de preposição, em ambas as ocorrências.

Proposta de intervenção:

Para avaliar possíveis alterações de memória, pode-se investigar se o usuário se esquece de coisas importantes do seu cotidiano, se sabe qual a quantidade de comprimidos e o respectivo horário de ingestão, ou se, ainda, se esquece de tomar os remédios, por exemplo.

LEMBRAR(-SE)

Ocorrência:

para ele, uma vez que sua carga viral não está indetectável. "Tente criar algum mecanismo para lembrar de tomar os medicamentos, são só três, duas vezes ao dia. Tem portador de diabetes que toma mais de treze comprimidos, além do que só os antirretrovirais vão te ajudar a manter a saúde", explica a clínica da família. Ao sair da

(BPAB13, p. 18)

O verbo *lembrar* reflete a mesma variação de transitividade do seu antônimo *esquecer*, em circunstâncias equivalentes, de acordo com a descrição anteriormente apresentada. Nesses casos, a norma culta orienta a adoção da forma pronominal do verbo.

Entretanto, a ocorrência acima constitui uma transcrição de fala, verificando-se inclusive outras marcas de oralidade, como a variação entre a segunda e a terceira pessoa do singular ("Tente criar" e "vão te ajudar"). Ponderando sobre a pertinência de manter ou não a forma original do excerto, entendemos que, aqui, não se justifica a transcrição literal da fala, vez que não se trata de uma circunstância específica em que o discurso original deva ser preservado *ipsis literis*, seja em nome da veracidade factual ou para fins de registro linguístico.

Portanto, além de optar pela recuperação da forma pronominal de *lembrar* seguida da preposição, também retiramos do texto a maior parte das demais marcas de oralidade.

Proposta de intervenção:

"Tente criar algum mecanismo para lembrar-se de tomar os medicamentos; são apenas duas ou três vezes ao dia. Há portadores de diabetes que tomam mais de treze comprimidos, além do que só os antirretrovirais vão ajudar você a manter a saúde", explica a clínica da família.

3.2 Atuação de regras sintáticas

3.2.1 Ergatividade (mudança de estado)

REDUZIR(-SE)

Ocorrência 1:

segundo raça/cor. A análise dos dados por ano de notificação apresenta limitações devido ao alto percentual de ignorados, embora tenha reduzido de forma acentuada de 1999 a 2009, passando de 94,5% para 13,4%. No último ano da série, observa-se uma

(BEHEP10, p. 5)

Nenhum dos dicionaristas consultados contempla o uso não pronominal de *reduzir* no sentido de “chegar, vir (a um estado inferior)” (Aurélio).

Aqui, nos indagamos se o uso despronominalizado de *reduzir* se daria por influência do verbo *diminuir*, com o qual é usado em alternância, muitas vezes no mesmo documento, provavelmente para evitar a repetição vocabular. De fato, nessa acepção, segundo Luft (p. 213), *diminuir* é verbo intransitivo ou transitivo indireto: “Int. ou TI: diminuir (em...). Decrescer, enfraquecer-se: A chuva diminuiu (em intensidade)”. Compare-se com o exemplo fornecido pelo Aurélio para a forma pronominal de *reduzir* no sentido de “Abrandar(-se), afrouxar, aplacar(-se): A chuva reduziu-se”.

No âmbito do corpus em questão, caracterizado por linguagem técnica e análises quantitativas, o par *reduzir(-se)/diminuir* é também frequentemente contraposto com o verbo *umentar*, também intransitivo, o que poderia igualmente reforçar o desuso do pronome em *reduzir*.

Proposta de intervenção:

A análise dos dados por ano de notificação apresenta limitações devido ao alto percentual de ignorados, embora este tenha se reduzido de forma acentuada de 1999 a 2009, passando de 94,5% para 13,4%.

Ocorrência 2:

B ocorreu no sexo masculino (52.226). A razão de sexos ao longo dos anos reduziu quase à metade, de 2,0:1 no ano de 1999, para 1,2:1, em 2009. Ainda assim, as taxas de

(BEHEP10, p. 22)

Além da forma pronominal aplicada nos exemplos anteriores, Luft especifica uma forma transitiva pronominal indireta do verbo na mesma acepção: “TDpl: reduzir-se a... Transformar(-se); converter(-se)”, o que parece corresponder ao caso ora analisado.

Proposta de intervenção:

A razão de sexos ao longo dos anos reduziu-se quase à metade, de 2,0:1 no ano de 1999, para 1,2:1, em 2009.

ACELERAR(-SE)

Ocorrência:

No que se refere à distribuição das PVHA que iniciaram TARV por linha de tratamento, nota-se que, a partir de 2013 a há um aumento considerável da proporção que iniciava tratamento na primeira linha, acelerando nos anos seguintes até atingir quase 90% das PVHA nos primeiros 10 meses de 2016, sendo a proporção comparável, em 2009, de 68%.

(RMC16, p. 40)

Os dicionaristas consultados facultam o uso pronominal de *acelerar* no sentido proposto. Segundo o Aurélio, o verbo é pronominal na acepção de “Tornar-se célere ou mais célere; adquirir maior velocidade; acelerar” e intransitivo em circunstância equivalente: “Tornar-se célere ou mais célere; apressar-se, acelerar-se: ‘A mão desvia, sobe o ombro, acelera, corre o braço””. Na mesma linha, indica Luft (p. 29): “TDp ou Int: acelerar(-se). Tornar(-se) mais célere; (fazer) adquirir maior velocidade: [...] O carro acelerou(-se)”. O Dicionário Houaiss corrobora: “gosta de acelerar na estrada”.

Portanto, em vista do respaldo encontrado, mantivemos o verbo *acelerar* em sua forma intransitiva, realizando apenas uma reescrita do entorno para tornar mais clara a sintaxe do excerto.

Proposta de intervenção:

No que se refere à distribuição das PVHA que iniciaram TARV por linha de tratamento, nota-se que, a partir de 2013, a proporção das que iniciavam tratamento na primeira linha aumentou consideravelmente, acelerando nos anos seguintes até atingir quase 90% das PVHA nos primeiros 10 meses de 2016, sendo a proporção comparável, em 2009, de 68%.

PASSAR(-SE)

Ocorrência:

diante de agentes como vírus, bactérias e outros microrganismos. Vários anos podem passar entre o momento da infecção pelo HIV até o surgimento dos primeiros sintomas da Aids. Quando se diz que uma pessoa é portadora do HIV, está se

(RAF11, p. 8)

O verbo *passar* possui uma longa lista de significados (no Aurélio Eletrônico, contam-se 77 acepções; em Luft, 18 casos distintos de regência).

Para o Aurélio, no sentido de “decorrer, transcorrer”, o verbo é pronominal: “Passaram-se três meses do nosso último encontro”. Na mesma acepção, Luft (p. 392-294) detalha a regência do verbo: “T(Dp)l: [...] Decorrer; transcorrer; completar-se; haver, fazer: Passam(-se) dez anos da (ou desde a) sua morte ou (desde) que ele morreu”. Como acréscimo, Luft prevê a possibilidade, menos comum, de intransitividade: “TDp ou (menos us.) Int: [...] passar(-se). Transcorrer; gastar-se (o tempo): Passam(-se) dias, meses, anos...”.

Por sua vez, o Houaiss não inclui nenhuma observação em especial ao autorizar o uso intransitivo do verbo em construção semelhante: “passaram(-se) oito anos desde que assumiu o governo”. Todavia, preferimos a forma pronominal por considerá-la mais alinhada ao registro culto da língua.

Proposta de intervenção:

Vários anos podem se passar entre o momento da infecção pelo HIV até o surgimento dos primeiros sintomas da aids.

SUCEDER(-SE)

Ocorrência:

Na atenção às pessoas vivendo com HIV e portadores de hepatites virais, são atribuições dos CTA: a realização de encaminhamento resolutivo dos casos para os serviços de referência, com estabelecimento de mecanismos que busquem garantir também a contra referência; o acompanhamento dos usuários no período que sucede o diagnóstico, quando estes ainda não estiverem sendo acompanhados nos

(ASM12, p. 99)

No sentido de “Vir ou acontecer depois; seguir-se” e “Vir depois, decorrer ou acontecer sucessivamente” (Aurélio), os dicionários consultados conferem a *suceder*

mais de uma possibilidade de regência, contrariamente à nossa suposição inicial de que, pela norma padrão, teríamos de usar aqui a forma pronominal do verbo. Para o Aurélio, nessa acepção, o verbo pode ser tanto transitivo direto como pronominal, posição confirmada pelo Houaiss, que fornece os exemplos: “a noite sucede ao dia” e “os dias sucedem-se uns aos outros”.

Por sua vez, Luft (p. 493) acrescenta ao verbo *suced**er*, usado nessa acepção, as seguintes especificidades de regência: “T(Dp)l: suceder(-se) a...; suceder(-se)-lhe. TDp [...]; Vir ou acontecer depois ou sucessivamente; seguir-se, sobrevir: [...] Uma grande bonança sucedeu(-se) à tempestade. À monarquia sucedeu(-se) a república”.

Resta-nos ponderar sobre as possibilidades existentes e definir a intervenção, tendo em vista o respeito pela autoria e a fluidez do texto. Assim, decidimo-nos reavaliar nossa postura inicial e conservar a construção como se encontra (verbo transitivo indireto, não pronominal).

Proposta de intervenção:

Na atenção às pessoas vivendo com HIV e aos portadores de hepatites virais, são atribuições dos CTA: a realização de encaminhamento resolutivo dos casos para os serviços de referência, com estabelecimento de mecanismos que busquem garantir também a contrarreferência; o acompanhamento dos usuários no período que sucede ao diagnóstico [...].

SEGUIR(-SE)

Ocorrência:

Depois do primeiro momento de organização e planejamento, seguem as fases destacadas nos itens III, IV e V:

(GVMS15, p. 8)

O verbo *seguir* possui grande variedade de acepções: acompanhar, perseguir, continuar, supervisionar, obedecer, cursar, partir, entre outras. Aqui, assume sentido semelhante ao do verbo anteriormente analisado, *suced**er(-se)*, com a diferença de que, ao invés da transitividade indireta caracterizada pela preposição *a*, tem-se um adjunto adnominal introduzido pela locução “depois de”, o que não interfere na sua regência.

De fato, na presente acepção, é descrito pelo Aurélio (e também pelo Houaiss) apenas como verbo pronominal. “Ao jantar seguiu-se uma agradável reunião”. “À assinatura seguia-se um pós-escrito”. “Da irresponsabilidade seguiu-se a desgraça”.

Luft (p. 477), porém, ao detalhar as modalidades de regência do verbo nessa acepção, inclui a possibilidade de intransitividade: “TDp ou Int: seguir(-se). Vir (logo após): Seguem(-se) alguns exemplos de sintaxe afetiva”. Prossegue, todavia, especificando as demais regências do verbo nesse sentido, todas pronominais: “T(Dp)I: seguir(-se) a... TDp(I): seguir-se (a...). Sobrevir, suceder ou vir depois, na ordem do tempo [...]. TDp: seguir-se. Decorrer (tempo)”.

Entretanto, a farta exemplificação oferecida pelo autor para as formas pronominais, em comparação com um único exemplo de intransitividade, faz-nos crer que o tipo de construção predominante e mais esperada seja de fato pronominal. Portanto, recuperamos o pronome do verbo.

Proposta de intervenção:

Depois do primeiro momento de organização e planejamento, seguem-se as fases destacadas nos itens III, IV e V.

ESTABILIZAR(-SE)

Ocorrência:

Enquanto isso, a proporção de casos de AIDS entre homens de 13 anos e acima que podem ser atribuídos a HSH estabilizou em torno de 30%¹.

(IPHIV12, p. 2)

Dentro os verbos constantes deste levantamento, *estabilizar* é um dos que possuem um significado mais técnico e preciso. De acordo com o Aurélio, tem duas regências, a transitiva direta (“Estabilizar a moeda”) e a pronominal (“A situação, que era incerta, por fim se estabilizou”); segundo Luft, mais precisamente, transitiva direta ou transitiva direta pronominal: “TD: estabilizá-lo. TDp: estabilizar-se. Tornar(-se) estável, firme, fixo: Estabilizar(-se) um país, moeda, preços”.

O Dicionário Houaiss Eletrônico menciona a possibilidade de regência intransitiva: “com o emprego, sua vida estabilizou(-se)”;

não obstante, optamos pela adoção da forma pronominal, por ser de uso mais corrente na modalidade escrita.

Proposta de intervenção:

Enquanto isso, a proporção de casos de aids entre homens de 13 anos ou mais que podem ser atribuídos a HSH estabilizou-se em torno de 30%.

ROMPER(-SE)

Ocorrência:

* Se os sintomas ocorrerem, podem incluir bolhas dolorosas, sensíveis ou que começam a coçar na região genital ou anal; iniciam com pequenos pontos cor-de-rosa que se desenvolvem em bolhas e geralmente rompem, formando feridas; estas lesões geralmente ocorrem em pequenos grupos; podem ocorrer ainda glândulas inchadas na virilha

(MHMV11, p. 101)

Dentre as muitas acepções de *romper*, não poucas envolvem regências intransitivas: “Na primavera rompem as flores”; “As lágrimas rompiam”; “A boa-nova rompeu logo” (Aurélio). Porém, no sentido específico de “estourar”, “rasgar-se”, “fender-se”, a aplicação de romper se faz de modo pronominal: “O sapato rompeu-se”; “A montanha rompeu-se com as chuvas” (Aurélio). Não se encontrou respaldo para manter a intransitividade da construção, apesar de parecer frequente e natural na modalidade falada da língua.

Registre-se que *estourar* ou *arrebentar*, intransitivos, podem ter influenciado o desuso do pronome em *romper*. Aventa-se a possibilidade de que tenham sido preteridos por soarem menos formais que *romper*.

Proposta de intervenção:

Se os sintomas ocorrerem, podem incluir bolhas dolorosas, sensíveis ou que começam a coçar na região genital ou anal; começam com pequenos pontos cor-de-rosa que se transformam em bolhas e geralmente se rompem, formando feridas; [...].

DILATAR(-SE)

Ocorrência:

Cérvix (ou colo | útero e onde o esperma encontra acesso ao útero. É também a parte do útero que precisa dilatar (abrir) para dar passagem para o nascimento do bebê. Muitas DST podem causar infecção do

(MHMV11, p. 105)

Não se verificaram acepções de *dilatar* com regência intransitiva. De fato, o verbo é unanimemente descrito como transitivo direto ou como pronominal. Luft (p.

212) detalha a regência pronominal do verbo: “TDp: dilatar-se. Aumentar de volume ou dimensões: O calor dilata os corpos. Ao calor dilatam-se os corpos”. O autor também registra as possibilidades: “TDp(I): dilatar-se (por...). Alargar(-se), estender(-se). [...] ‘A cidade dilatava-se pelo vale’ (Aurélio). [...] TDpl: dilatar-se em, por... Derramar-se, espalhar-se: O sangue dilata-se pelas (ou nas) veias”.

No excerto, observa-se o acréscimo do verbo *abrir* entre parênteses, como para explicar o sentido de *dilatar*, verbo supostamente de uso mais técnico e/ou culto. Infere-se que a publicação seja destinada a um público mais amplo, sentindo o autor a necessidade de garantir a compreensão do texto em caso de menor letramento do leitor. Assim como *dilatar*, *abrir* também teve o pronome excluído.

Buscamos recuperar a pronominalidade do verbo *dilatar* em análise, fazendo, todavia, uso da próclise, para possibilitar a omissão do pronome no verbo *abrir* entre parênteses – mantendo assim o seu caráter puramente explicativo, como imaginamos tenha sido a intenção do autor.

Proposta de intervenção:

É também a parte do útero que precisa se dilatar (abrir) quando do nascimento do bebê.

DISSOLVER(-SE)

Ocorrência:

^b Para o ácido acético glacial, use água destilada para a metade do volume e adicione o ácido acético glacial gota a gota, até que dissolva; não exceder 2,5 µL/mL.

(DLD14, cap. 4, p. 40)

O presente excerto e os três seguintes são provenientes de uma mesma obra traduzida da língua inglesa⁷. O trecho original será recuperado para fins de comparação, quando relevante.

Na presente acepção, Luft (p. 217) especifica a regência pronominal de *dissolver* como TDp (caso em questão) e, ainda, como TDp(I), quando, além do pronome, pode receber um objeto indireto: “O açúcar se dissolve na água”. Os demais autores corroboram essa descrição.

⁷ WHO. **Laboratory diagnosis of sexually transmitted infections, including human immunodeficiency virus**. World Health Organization, 2013.

Proposta de intervenção:

Para o ácido acético glacial, use água destilada para a metade do volume e adicione o ácido acético glacial gota a gota, até que este se dissolva; não exceda 2,5µL/mL.

DIFUNDIR(-SE)

Ocorrência:

impregnados com uma concentração conhecida de antibiótico. O agente antimicrobiano no disco difunde sobre a superfície de ágar inoculada com o isolado bacteriano e produz um gradiente de concentração que é maior próximo ao disco e diminui proporcionalmente ao se distanciar do disco. Após a incubação, a zona de

(DLD14, cap. 4, p. 46)

Registra-se de forma unânime, entre os dicionaristas consultados, o uso pronominal do verbo *difundir* na acepção acima, com as variantes apontadas por Luft (p. 211-212): “TDp(I): difundir-se (em, por...) [...] Difunde-se o clarão do sol sobre a terra” – caso em análise – e “TDp: difundir-se. Derreter(-se), fundir(-se) espalhando(-se). O sol difunde a neve. Difunde-se a neve ao calor do sol”.

Como investigação complementar, buscamos o trecho original em inglês: “The antimicrobial agent in the disc diffuses into the surface of the agar inoculated with the bacterial isolate [...]”⁸ e especulamos se a intransitividade do verbo em inglês poderia ter levado ao desuso do pronome em português.

Proposta de intervenção:

O agente antimicrobiano no disco difunde-se sobre a superfície de ágar inoculada com o isolado bacteriano e produz um gradiente de concentração que é maior próximo ao disco e diminui proporcionalmente ao se distanciar do disco.

SOLTAR(-SE)

Ocorrência:

- Adicione 4mL de tripsina e incube as células a temperatura ambiente até que a monocamada solte do frasco (aproximadamente 3-7 minutos). Bata

(DLD14, cap. 5, p. 25)

⁸ Op. cit.

Como esperado, a busca pelo verbo *soltar* revelou uma multiplicidade de acepções e de regências correlatas, realizadas predominantemente por transitividade direta. Seus casos de pronominalidade são assim definidos por Luft (p. 487): “TDp(I): soltar-se (de...). Pôr(-se) em liberdade; escapar(-se); desprender(-se): Soltar um passarinho (da gaiola)”, situação que corresponde ao caso em análise; “TDp: soltar-se. Desinibir(-se)”; e, finalmente “TDpl: soltar-se de... desprender(-se): Soltar a voz da garganta”.

O Aurélio Eletrônico, entretanto, descreve a também possibilidade de transitividade indireta, como uso familiar, no seguinte sentido: “Largar, deixando, ou ficando livre: Mal soltou da mão da criança, perdeu-a de vista; Soltou do braço do noivo, para aproximar-se da vitrine”. Além disso, acrescenta um caso de transitividade circunstancial: “Cair; desprender-se: A folha soltou da árvore”. Em nosso ver, esse uso familiar admitido pelo Aurélio evidenciou-se no desuso do pronome em questão. Decidimo-nos por recuperá-lo em nosso procedimento.

Proposta de intervenção:

Adicione 4mL de tripsina e incube as células a temperatura ambiente até que a monocamada solte do frasco (em aproximadamente 3-7 minutos).

CURAR(-SE)

Ocorrência:

sensoriais localizados nessa região da pele. As manifestações na pele incluem lesões vesiculares, levando a ulcerações rasas, que formam crosta e curam espontaneamente em duas ou três semanas, sem cicatrizes. As lesões acarretam a destruição central da

(DLD14, cap. 9, p. 1)

O Dicionário Aurélio dá ao verbo *curar*, em sua maioria, regências por transitividade direta. No sentido em questão, como verbo pronominal, descreve: “Recuperar a saúde; restabelecer-se, sarar: Bem tratado como foi, curou-se de todo”. Como verbo intransitivo, traz apenas uma possibilidade: “Exercer a medicina. P. ext. Praticar o curandeirismo”.

Por sua vez, o Dicionário Houaiss e o Dicionário Prático de Regência Verbal de Luft apresentam mais casos de intransitividade. O Houaiss corrobora o exemplo dado pelo Aurélio: “só estivemos ali com o propósito de curar” e também estende o papel de agente a um ser inanimado: “Este remédio cura”. Além disso, no sentido

que nos interessa, admite a regência por intransitividade na acepção de “corrigir(-se), emendar(-se) [mau hábito, vício]: sua tendência ao furto nunca chegou a curar(-se)”.

Luft acrescenta: “TDp ou Int: curar(-se), curar (de...). Livrar(-se) (de doença); restituir a saúde a; sarar [...] Curou(-se) da alergia. ‘O doente curou(-se)’ (Jucá).”

Além da possível influência do intransitivo *sarar*, no trecho-fonte em inglês constata-se a intransitividade do verbo original: “(...) leading to shallow ulcerations that crust and heal spontaneously within 2 to 3 weeks without scarring”⁹.

Apesar do respaldo encontrado, que nos facultaria conservar a construção como está, decidimos usar a forma pronominal de *curar*, porque, como verbo intransitivo, nos parece muito carregado de sentido ativo.

Proposta de intervenção:

As manifestações cutâneas incluem lesões vesiculares, levando a ulcerações rasas, que formam crosta e curam-se espontaneamente em duas ou três semanas, sem deixar cicatrizes.

SOROCONVERTER(-SE)

Ocorrência:

sorológicos. Na maioria das pessoas infectadas pelo HIV a soroconversão ocorre dentro de trinta dias após a infecção. Entretanto, alguns indivíduos podem soroconverter após a terceira semana da infecção e outros após meses.

(MTR13, p. 11)

Soroconverter é, aparentemente, um neologismo técnico, não encontrável nos dicionários gerais da língua, assim como a sua forma substantiva correlata, “soroconversão”, que significa “a posituação da sorologia para o HIV” (BRASIL, 2006), ou seja, o momento em que o vírus se torna detectável no sangue, por meio de exame específico.

Consideramos cabível, para fins de análise da regência de *soroconverter*, tomar como referência o verbo *converter*, que supostamente lhe deu origem.

⁹ Op. cit.

Todos os dicionaristas consultados dão a *converter* regências em sua maioria transitivas diretas ou diretas e indiretas e, em menor proporção, pronominais. No sentido em questão, de mudar, transformar-se, Luft (p. 151) descreve o verbo como “TDpl: converter-se em... Mudar(-se); transformar(-se): Nas bodas de Caná, Cristo converteu água em vinho. O sofrimento converteu-se em alegria”, sintaxe confirmada pelo Aurélio e pelo Houaiss.

O único caso de regência intransitiva apontada pelos autores é o que se refere ao campo semântico do esporte: “Basq. Acertar o arremesso à cesta, conseguindo pontos; encestar” (Aurélio). “Converter (Fut.) Cobrar, bater (falta, infração). Cobrou o pênalti e converteu”.

Proposta de intervenção:

Na maioria das pessoas infectadas pelo HIV, a soroconversão ocorre dentro de trinta dias após a infecção. Entretanto, alguns indivíduos podem soroconverter-se após a terceira semana da infecção, e outros, após meses.

CRONIFICAR(-SE)

Ocorrência:

a 90%, e entre 10 a 40% nos casos sem evidências de replicação do vírus. Cerca de 70 a 90% das infecções ocorridas em menores de cinco anos cronificam, e 20 a 25% dos casos crônicos com evidências de replicação viral evoluem para doença hepática avançada (cirrose e hepatocarcinoma). Uma particularidade desta infecção viral

(MDHV15, p. 28)

Trata-se de outro neologismo técnico ou científico. Assim como no caso de *soroconverter*, acima, não constam do léxico nem *cronificar* nem sua forma substantivada, *cronificação*. Da mesma família semântica, os dicionários da língua portuguesa ora consultados trazem *crônico* (“que concerne ao tempo”) e *cronicidade* (“estado ou característica do que é crônico”) (Aurélio). O Aurélio menciona, ainda, a acepção especificamente médica: “Diz-se das doenças de longa duração, por oposição às de manifestação aguda”.

Pelo sentido ergativo de *cronificar*, que remete à estabilização de algo ao longo do tempo, tomamos o verbo *estabilizar* como modelo aproximado para fins de análise. Nessa acepção, *estabilizar* é sempre pronominal: “Tornar(-se) estável, fixo; estabelecer(-se): A situação, que era incerta, por fim se estabilizou” (Aurélio). “TDp:

estabilizar-se. Tornar(-se) estável, firme, fixo: Estabilizar(-se) um país, uma moeda, preços” (LUFT, p. 279). Portanto, por analogia, acrescentamos o pronome ao verbo *cronificar*.

Proposta de intervenção:

Cerca de 70% a 90% das infecções ocorridas em menores de cinco anos se cronificam, e 20% a 25% dos casos crônicos com evidências de replicação viral evoluem para doença hepática avançada (cirrose e hepatocarcinoma).

3.2.2 Reflexividade propriamente dita

SENTAR(-SE)

Ocorrência:

- Sentando corretamente

Sentar sempre em cadeiras duras, com encosto saliente. Evite poltronas macias. Os pés devem

(GCD10, p. 41)

Sentar(-se) é um dos verbos reflexivos típicos de ação envolvendo movimento corporal. Na modalidade falada da língua, mesmo em contextos formais, parece cada vez mais raro o seu uso com o pronome. Na língua escrita, a norma culta ainda exerce pressão para a conservação deste. Entretanto, os dicionaristas consultados descrevem a flexibilidade da sintaxe do verbo. Luft (p. 478) assim expressa essa variação: “TDp ou Int: sentar(-se). Pôr-se sobre um assento; assentar(-se) [...]. Sentou(-se) na poltrona. Sentou(-se) ali. Sentam(-se) todos”.

Também nessa acepção, quando seguido de sintagma preposicionado, o Aurélio denomina o verbo como transitivo circunstancial (“Sentou no sofá da sala”).

Levantar, verbo com o qual *sentar* forma um par de antônimos, está sujeito à mesma dualidade de sintaxe reflexiva: “TDp ou Int: levantar(-se). Erguer(-se), sair da cama: Ele já (se) levantou. [...] Pôr-se de pé; erguer-se: Todos (se) levantaram”. Seu uso intransitivo na língua falada talvez seja o mais predominante. Esperava-se, na presente amostragem da língua escrita, também identificar exemplos do seu desuso; entretanto, no mesmo documento em que se encontrou o presente caso de *sentar*, há mais de uma ocorrência de *levantar* no sentido reflexivo, porém com o pronome:

a) Existem várias maneiras de ajudar a pessoa a se levantar ou a mudar de posição:

(GCD10, p. 13)

sem açúcar, comer biscoito
cream-cracker ou torrada salgada
antes de se levantar e ao longo do
dia, alivia náuseas.

(GCD10, p. 20)

o que parece evidenciar a flutuação da pressão exercida pela norma culta e as variações características da gramática individual.

Registre-se que se trata de uma publicação de caráter menos técnico, de maior alcance e dirigida ao público geral, o que poderia avalizar a ausência do pronome. Entretanto, em nossa revisão, preferimos adotar o uso culto da construção, visando acompanhar a formalidade e a correção gramatical percebidas no documento como um todo.

Proposta de intervenção:

Sentando-se corretamente: sentar-se sempre em cadeiras duras, com encosto saliente. Evitar poltronas macias. Os pés devem estar apoiados no solo ou num estrado.

DEITAR(-SE)

Ocorrência:

- Se estiver cansado e com dor, procure deitar e relaxar, colocando as pernas com os joelhos dobrados sobre uma almofada alta ou sobre vários travesseiros;

(GCD10, p. 41)

No mesmo documento do exemplo anterior, foi encontrada uma ocorrência do verbo *deitar* em sentido reflexivo sem o pronome. Em consulta aos dicionaristas, vemos que, à diferença de *sentar*, analisado acima, não se contempla, em geral, o uso intransitivo do verbo na acepção de “Estender-se, lançar-se ao comprido, sobre leito, sofá, etc., ou no chão: ‘Despiu-se e deitou-se’; [...] recolher: ‘Deitei-me à hora habitual, depois da ceia’” (Aurélio).

A exceção é Luft (p. 168), que, além das possibilidades da regência pronominal (TDp(l) e TDpl), apresenta o uso intransitivo do verbo quando na ausência de complemento: “TDp ou Int: deitar(-se). Ir à cama para dormir; recolher-se: ‘Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer’ (Prov.) Não obstante,

preferimos recuperar a forma pronominal em nossa intervenção, em vista dos mesmos motivos expostos na análise de *sentar-se*.

Proposta de intervenção:

Se estiver cansado e com dor, procure deitar-se e relaxar, colocando as pernas com os joelhos dobrados sobre uma almofada alta ou sobre vários travesseiros; [...].

DEBRUÇAR(-SE)

Ocorrência:

estar apoiados no solo ou num estrado. Não debruce sobre a mesa e mantenha os braços apoiados.

(GCD10, p. 41)

No sentido reflexivo, tanto literal (“deitar-se, pôr-se de bruços: [...] viu a enfermeira debruçar-se sobre o leito do doente”) quanto figurado (“pôr-se sob jugo, em posição de respeito; curvar(-se), prosternar(-se): debruçou-se diante do altar”) ou metafórico (“estudar com afinco; analisar: os advogados debruçaram-se sobre os autos do processo”) (Houaiss Eletrônico), *debruçar* é sempre pronominal, não se prevendo, nos dicionários consultados, nenhum caso de intransitividade.

Segundo Luft, há duas possibilidades para o uso pronominal do verbo: “TDpl: debruçar-se (de...) (a, em , para, por, sobre)” que reflete o presente exemplo, e “TDp: debruçar-se. Pôr-se de bruços, deitar(-se); inclinar(-se) o busto para a frente; curvar(-se)”.

Proposta de intervenção:

Não se debruce sobre a mesa e mantenha os braços apoiados.

ARTICULAR(-SE)

Ocorrência:

Os profissionais de saúde da Atenção Básica poderão acompanhar as atividades realizadas pelos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA ou nos Serviços de Atenção Especializada em DST/Aids – SAE, além dos Laboratórios de Saúde Pública – LACEN. Para isso precisam, apenas, articular com as Coordenações de DST/Aids locais ou com os próprios serviços.

(GRC13, p. 10)

Comentários:

Aqui, o verbo *articular* (“Unir pelas articulações; juntar, formando cadeias”) assume o sentido figurado de “entender-se, acordar-se: Articularam-se para organizar a recepção” (definições do Aurélio Eletrônico). Nessa acepção, é usado pronominalmente. O Aurélio também oferece uma regência intransitiva em sentido correlato, como regionalismo: “Bras. N.E. Prov. Port. Discutir, altercar”, no que é secundado pelo Houaiss: “entrar em discussão, altercar”. Exemplos: “articular com a sogra. Vivem articulando”.

Luft (p. 75) classifica a forma pronominal do verbo, na referida acepção, como segue: “TDp(l): articular-se (a, com, em...). [...] Os operários se articularam em sindicato (corporação, etc.)”. O autor não oferece nenhum exemplo de sintaxe intransitiva.

Registre-se que o verbo nos suscitou certa dúvida quanto à sua reflexividade típica, conforme a classificação aqui adotada. Não se trata propriamente de um verbo de movimento corporal, nem de cuidados pessoais, nem depoente. No entanto, parece conservar uma noção de atividade que envolve ou afeta o sujeito, no sentido da busca ativa pelo entendimento e da tomada de providências concretas para que isso se efetue. Portanto, consideramo-lo como verbo reflexivo.

Proposta de intervenção:

Os profissionais de saúde da Atenção Básica poderão acompanhar as atividades realizadas nos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA ou nos Serviços de Atenção Especializada em DST/Aids – SAE, além dos Laboratórios de Saúde Pública – LACEN. Para isso precisam, apenas, articular-se com as Coordenações de DST/Aids locais ou com os próprios serviços.

3.2.3 Reciprocidade

ARTICULAR(-SE)

Ocorrência:

Para que o recurso financeiro das capacitações seja garantido, é fundamental que estados e municípios articulem localmente. Possíveis fontes de recursos e instrumentos de planejamento:

(GRC13, p. 8)

Trata-se da única ocorrência, no presente levantamento, de reciprocidade típica com desuso do pronome. Conforme a análise do mesmo verbo em situação de reflexividade, acima, optamos pela recuperação do pronome, vez que não se encontrou apoio para a manutenção da forma intransitiva.

Proposta de intervenção:

Para que o recurso financeiro das capacitações seja garantido, é fundamental que estados e municípios se articulem localmente. Possíveis fontes de recursos e instrumentos de planejamento: [...]

3.3 Outras situações

Registraram-se alguns casos de ausência do pronome em que não se identificou plenamente se tal fenômeno se deu pela despronominalização conforme discutida, ou por lapsos associados ao entorno oracional, ou por escolha consciente do autor, guiada pelas possibilidades gramaticais. Foram elas:

AMPLIAR(-SE)

Ocorrência:

de gestão - União, Estados e Municípios. À cada esfera de gestão cabem distintas responsabilidades e atribuições, que devem, à medida que as políticas de assistência farmacêutica se consolidam e ampliam, tomarem-se mais claras e definidas.

(PAF10, p. 34)

O caso em questão suscitou dúvidas sobre se o pronome reflexivo proclítico colocado antes de “consolidam” também se estenderia ou não ao termo seguinte, “ampliam”. A construção pode ter sido feita de modo consciente pelo autor do texto. Nesse sentido, Piacentini (2011) é de opinião que

Quando se empregam em sequência dois verbos usados com pronome proclítico, as duas formas ou modelos são corretos: se batem e se opõem ou se batem e opõem. O mais estilístico, porém, é não repetir o pronome oblíquo quando este vem anteposto ao primeiro verbo: Aqueles dois se batem e opõem. Ele se rasgava e desfazia em elogios. (PIACENTINI, 2011, on-line)

Ainda que nos pareçam razoáveis as considerações da autora, e que de fato resultem em um texto mais limpo e escoreito, preferimos, no caso em tela, recuperar a forma pronominal de *ampliar*, a fim de não dar margem a dúvidas sobre em quem ou no quê recai a ação.

Proposta de intervenção:

À cada esfera de gestão cabem distintas responsabilidades e atribuições, que devem, à medida que as políticas de assistência farmacêutica se consolidam e se ampliam, tornarem-se mais claras e definidas.

MODIFICAR(-SE)

Ocorrência:

espoliados. O direito, tanto na sua vertente de positivação como de efetivação, transformou-se, modificou e adquiriu novos significados e contornos a partir dos embates travados pelos atores sociais no espaço público, na experiência cotidiana de ser e estar no mundo dos atores e de suas significações dessa experiência.

(DHIV08, p. 20)

Aqui tem-se um exemplo semelhante ao anterior, com a diferença de que o pronome é enclítico. Nesse caso, parece-nos ainda mais natural a recuperação do pronome reflexivo do verbo *modificar*.

Proposta de intervenção:

O direito, tanto na sua vertente de positivação como de efetivação, transformou-se, modificou-se e adquiriu novos significados e contornos a partir dos embates travados pelos atores sociais no espaço público, na experiência cotidiana de ser e estar no mundo dos atores e de suas significações dessa experiência.

AGITAR(-SE)

Ocorrência:

O Projeto “Viva Melhor Sabendo” em Aracaju agitou positivamente com a rotina do Serviço de Atenção Especializada e do Centro de Testagem Anônima, segundo o educador Rogério Fernandes da Silva. “Recebíamos muitas reclamações dos trabalhadores do

(BPPV14, p. 29)

O exemplo em questão nos parece um caso de lapso envolvendo a preposição com sublinhada, que introduz um suposto complemento (“a rotina”). A presença desta nos leva a pensar, em uma primeira leitura, que o verbo *agitar* esteja despronominalizado, segundo a possibilidade de regência fornecida por Luft (p. 43): “TDp(I): agitar-se (contra...)”. Todavia, torna-se claro, nesse caso, que “a rotina” é o objeto direto do verbo em questão. Assim, basta remover a preposição para alcançar a adequação sintática da oração.

Proposta de intervenção:

O Projeto “Viva Melhor Sabendo” em Aracaju agitou positivamente a rotina do Serviço de Atenção Especializada e do Centro de Testagem Anônima, segundo o educador Rogério Fernandes da Silva.

ABRIR(-SE)

Ocorrência:

- Com crianças alfabetizadas, maior autonomia e domínio da leitura e da escrita abrem possibilidades para se usar dispositivos que previnam esquecimentos ou falhas na adesão: desenhos, alarmes, despertadores, tabelas que organizam os horários das tomadas, etc (ver Capítulo V).

(MAT08, p. 46)

À primeira vista, dado o uso da preposição *com* e a construção enumerativa do início do período, *abrir* assumiria o sentido dado pelo Dicionário Houaiss Eletrônico, no uso transitivo direto do verbo: “dar a conhecer; desvendar. Ex.: o estudo abre novos horizontes”, que poderia originar a construção: “Com o estudo, abrem-se novos horizontes”.

A descrição como verbo pronominal que parece mais próxima do presente caso é, segundo Luft (p. 26): “TDp(I): abrir-se (a...); abrir-se(-lhe). Tornar(-se) aberto;

descerrar(-se)”. O autor acrescenta um caso de regência intransitiva: “TDp ou Int: abrir(-se). Desabrochar: Abriram mil flores. // Desanuviar; clarear: Abre-se o tempo. O tempo abriu”.

O Aurélio, nessa acepção, indica apenas a forma pronominal do verbo (p.12): “Com o terremoto as paredes do templo se abriram”. “Com a forte ventania as janelas abriram-se de par em par”.

Portanto, a decisão inicial seria a de proceder à seguinte intervenção: “Com crianças alfabetizadas, maior autonomia e domínio da leitura e da escrita, abrem-se possibilidades para se usarem dispositivos que previnam esquecimentos ou falhas na adesão: desenhos, alarmes, despertadores, tabelas que organizam os horários das tomadas, etc”.

Entretanto, o trecho admite outra interpretação – que se revela mais natural –, razão pela qual nos abstermos de incluí-lo entre os exemplos de desuso do pronome em verbos pronominais. De fato, se atribuirmos ao verbo *abrir* os sujeitos “maior autonomia e domínio da leitura e da escrita”, a caracterização do verbo como pronominal estaria descartada.

Proposta de intervenção:

No caso de crianças alfabetizadas, a maior autonomia e o domínio da leitura abrem possibilidades para se usarem dispositivos que previnam esquecimentos ou falhas na adesão: desenhos, alarmes, despertadores, tabelas que organizam os horários das tomadas, etc. (ver Capítulo V).

4 ANÁLISE DOS ACHADOS

O apagamento do pronome reflexivo nos documentos pesquisados revelou-se um fenômeno relativamente pouco frequente. Conforme as colocações dos autores estudados, entende-se que, enquanto o fenômeno é frequentemente verificável no registro falado da língua, na modalidade escrita, meio mais tenso e controlado, e tendo em vista o alto grau de letramento dos autores, essa omissão estaria menos presente.

Ainda assim, evidenciaram-se casos suficientes para uma categorização tentativa, proposta de intervenção e análise.

De modo geral, há um predomínio da despronominalização em verbos pronominais de voz média, ou seja, acidentais, mas não exatamente reflexivos ou recíprocos. Segundo a classificação geral proposta, não se verificou nenhum exemplo de apagamento do pronome em verbos de cuidados pessoais, nem em verbos de movimento corporal translacional, nem em verbos de atitude. Poderíamos pensar, a partir desse levantamento, que esse modelo de reflexividade plena está suficientemente introjetado no registro culto e mais tenso da língua, tendendo a manifestar-se, de forma esperada, com o pronome reflexivo.

Mais especificamente, os achados parecem evidenciar basicamente dois tipos de desuso do pronome átono nos verbos pronominais: 1) os casos de cristalização estrutural em que os verbos adquirem novo status lexical pela pronominalização, porém com conservação de vínculo semântico, e 2) os casos de atuação de regras sintáticas em que os verbos expressam ergatividade, com mudança de estado físico.

No primeiro caso, observa-se que não houve nenhuma ocorrência de desuso do pronome nos verbos exclusivamente pronominais ou essenciais (como *queixar-se*, *arrepender-se*, *suicidar-se*). Pondera-se que o usuário da língua os tenha absorvido em nível bastante profundo para que o pronome possa ser omitido na modalidade escrita. Da mesma forma, não se constatou nenhuma ocorrência de desuso do pronome átono em verbos pronominais que envolvem perda de vínculo semântico com a pronominalização (a exemplo de *despedir-se*, *comportar-se*, *desfazer-se*). Pode-se supor, justamente, que a mudança de sentido torna clara ao usuário a necessidade do uso do pronome.

Em contrapartida, verificaram-se diversas ocorrências de apagamento do pronome átono em verbos em que o uso do pronome não afeta, ou afeta em menor medida, o sentido semântico. Alguns dos exemplos mais recorrentes foram os verbos *iniciar-se*, *refletir-se* e *encontrar-se*, além dos esperados *lembrar-se* e *esquecer-se*. Trata-se de verbos pronominais acidentais, cujo sentido reflexivo parece muitas vezes suficientemente dado pelo contexto, o que talvez ocasione a perda da percepção da obrigatoriedade do uso do pronome no registro escrito, permitindo que a influência da oralidade se manifeste.

No segundo caso, constatou-se, igualmente, um número expressivo de ocorrências de desuso do pronome em verbos que envolvem mudança de estado físico, nos quais a reflexividade expressa pelo pronome átono mostra-se sujeita à mesma flutuação. Dentre eles, destacam-se os verbos *passar-se*, *sucedor-se* e *seguir-se*, que expressam mudança ao longo do tempo, além de *dilatar-se*, *difundir-se* e *curar-se*, que denotam mudança de estado verificável num período de tempo mais curto. Muitos desses verbos, justamente, se relacionam à natureza proeminentemente técnica e científica dos textos pertencentes ao corpus de pesquisa, envolvendo procedimentos terapêuticos, rotinas laboratoriais, descrições epidemiológicas, entre outros. Não se verificaram ocorrências de verbos que envolvem mudança de estado psicológico (tais como *assustar-se*, *impressionar-se*, *emocionar-se*), talvez em função do caráter majoritariamente quantitativo e científico dos documentos.

Em medida muito menor, registraram-se ocorrências de desuso do pronome em situações de reflexividade e/ou reciprocidade próprias – mais exatamente, apenas os verbos *sentar-se*, *deitar-se*, *debruçar-se* e *articular-se* –, constatadas em dois documentos informativos, voltados a um público mais amplo, com certa flexibilização da formalidade da escrita. Cabe ressaltar que não se encontraram ocorrências de despronominalização em verbos tipicamente reflexivos, como os verbos de cuidados pessoais ou depoentes, seja em virtude, novamente, do teor técnico da maioria dos documentos do corpus, seja porque o não uso do pronome em tais verbos acarreta uma inibidora carga de oralidade.

O Quadro 2, a seguir, sistematiza as ocorrências encontradas, tendo sido construído a partir do Quadro 1, à p. 22, acima.

Quadro 2. Proposta de classificação dos verbos pronominais com desuso do pronome, encontrados no corpus de pesquisa, com base em Azeredo, 2010

I. CRISTALIZAÇÃO ESTRUTURAL					
Verbos exclusivamente pronominais (essenciais)		Verbos que adquirem status lexical novo pela pronominalização			
		Perda de vínculo semântico	Conservação de algum vínculo semântico		
			<i>iniciar-se</i> <i>refletir-se</i> <i>encontrar-se</i> <i>coadunar-se</i> <i>esquivar-se</i> <i>atrasar-se</i> <i>aplicar-se</i> <i>certificar-se</i> <i>operar-se</i> <i>tratar-se</i> <i>diagnosticar-se</i> <i>esquecer-se</i> <i>lembrar-se</i>		
II. ATUAÇÃO DE REGRAS SINTÁTICAS					
1. Ergatividade (mudança de estado)					
Mudança de estado físico			Mudança de estado psicológico		
<i>reduzir-se</i> <i>acelerar-se</i> <i>passar-se</i> <i>suceder-se</i> <i>seguir-se</i> <i>estabilizar-se</i> <i>romper-se</i> <i>dilatar-se</i> <i>dissolver-se</i> <i>difundir-se</i> <i>soltar-se</i> <i>curar-se</i> <i>soroconverter-se</i> <i>cronificar-se</i>					
2. Reflexividade					
Verbos de movimento corporal sem translação	Verbos de movimento corporal translacional	Verbos ativos que envolvem ou afetam fisicamente o sujeito		Verbos de cuidados pessoais	Verbos de atitude (depoentes)
		Apenas processo	Processo ou resultado		
<i>sentar-se</i> <i>deitar-se</i> <i>debruçar-se</i>			<i>articular-se</i>		
3. Reciprocidade					
<i>articular-se</i>					

Fonte: Elaborado pela autora, com base em AZEREDO, 2010 (p. 280-281).

A regência de alguns dos verbos aqui levantados, principalmente na categoria de verbos de mudança de estado físico (exemplos: *acelerar-se*, *sucedêr-se*, *seguir-se*), contrariamente ao pressuposto inicial, revelou-se flexibilizada pelas obras de referência consultadas, no sentido de se permitir o seu emprego intransitivo (isto é, sem o objeto direto representado pelo pronome). Nesses casos, portanto, a intervenção precisou levar em consideração e avaliar a possibilidade de manter o desuso do pronome reflexivo, mesmo quando finalmente o tenha recuperado, visando maior adequação ao gênero e à norma padrão.

Outros verbos levantados não são comumente encontrados nas listas de verbos pronominais exemplificados pelos gramáticos normativos (constituem casos específicos, jargões técnicos, neologismos científicos), sendo que alguns nem constam do dicionário de regência consultado.

Tudo isso mostra os desafios com que se depara o revisor de textos, e a relevância da consulta frequente a uma ampla gama de instrumentos de referência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de textos não é uma ciência exata. A atividade do revisor é de natureza subjetiva, em que as escolhas são pensadas e passíveis de fundamentação e defesa – embora, às vezes, dentro das possibilidades de um espectro limitado de atuação, seja em virtude de diretrizes editoriais, seja pela necessidade de adequação à gramática normativa. Porém, sobretudo, é preciso evitar que um certo mecanicismo tome conta da atividade, blindando o profissional em relação aos questionamentos necessários ao desenvolvimento do seu trabalho.

É bem conhecida a importância de considerar em primeiro lugar o gênero do texto e a intencionalidade do autor como norteadores da atividade de revisão textual, além da observância do grau de liberdade que é dado ao revisor ao exercer sua atividade, no meio em que atua. Esses princípios orientadores perpassam a natureza da revisão textual evidenciada nos procedimentos descritos no presente trabalho.

Dentro do gênero em questão, ou seja, o de textos acadêmicos e científicos, em que os autores demonstram pleno domínio técnico da temática, pode-se pensar que não há margem para intervenções textuais de maior peso. De fato, a proficiência linguística dos autores mostra-se adequada à expressão objetiva do conhecimento quantitativo.

Porém, não obstante seu caráter técnico, os documentos do presente corpus constituem, inevitavelmente, registros linguísticos de pleno direito, testemunhos do uso da modalidade escrita por usuários de alto letramento, que evidenciam vários níveis de introjeção gramatical e de uso das possibilidades da língua no nível individual.

Ressalte-se a posição proeminente, nesse processo, que pode ocupar a atividade de revisão de textos, no sentido de poder testemunhar, muitas vezes em primeira mão, a realização dessas possibilidades na modalidade escrita, em vista do menor controle sentido pelo autor de um determinado documento ao saber que o seu texto passará por revisão. Por outro lado, o trâmite interno da produção e da revisão dos documentos, dentro de uma mesma instituição, e a conservação dos registros de cada etapa, torna possível sua reunião em um corpus de pesquisa, o levantamento dos achados e sua análise.

Em relação às questões de pesquisa que nos propusemos no início do presente trabalho, pudemos verificar que o desuso do pronome reflexivo em verbos pronominais na modalidade escrita da língua, a partir do corpus de estudo, se deu de maneira discreta, mas reveladora, sobretudo em determinadas categorias de verbos pronominais – aqueles em que a ausência do clítico não altera significativamente a semântica do verbo e aqueles que envolvem mudança de estado físico –, sendo passível de alinhar-se com as descrições e explicações encontradas nas obras de referência consultadas.

Constatou-se, também, que há certo grau de flexibilidade para permitir esse desuso, notadamente em alguns dos verbos pronominais levantados, cuja regência pode ser realizada de forma intransitiva, mesmo no registro escrito obediente à norma culta. Portanto, o revisor deve estar atento a essas variações, incorporando à sua prática cotidiana de trabalho a consulta a materiais de referência que acompanhem as novas possibilidades de expressão linguística. Assim, os achados do presente trabalho e as reflexões correspondentes podem vir a orientar ou auxiliar a atividade de revisão de textos, exercida pela própria pesquisadora e por outros, no sentido de traçar um caminho de reflexão sobre cada ocorrência passível de ajuste.

Em conclusão, a pesquisa ora realizada sobre esse conjunto de textos constituiu uma atividade recompensadora, tanto pela oportunidade de ponderar sobre as intervenções realizadas – o que conferiu mais profundidade, segurança e idoneidade ao trabalho de revisão –, quanto pela ocasião de presenciar o uso da língua viva e suas variações em cada contexto, em cada documento e em cada conjunto de autores. Assim, a busca pelas ocorrências, mais do que uma tarefa de fiscalização, constituiu-se em um garimpo de elementos preciosos, em que cada achado se revelou cheio de possibilidades de indagação e descoberta, como testemunho da variedade de realizações da língua por parte dos seus usuários.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BETTES, Soely. Conhecimento gramatical e desempenho linguístico. **Rev. de Letras**, [S.l.], n. 23, v. 1/2, jan./dez. 2001.

BITTENCOURT, Regina Lúcia. Apagamento de pronomes clíticos de forma reflexiva. In LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (Org.) **África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 138-173. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/48/pdf/lobo-9788523208882-05.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **HIV/Aids: perguntas e respostas**. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/Perguntas_e_respostas_sobre_HIV_aids.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Gestão de Vigilância em Saúde. **Manual de Redação da Secretaria de Vigilância em Saúde**. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Manual de Redação da Presidência da República**. 2. ed. Brasília, 2002.

COELHO, Rafael Ferreira. **Construções reflexivas no português brasileiro** [online]. Disponível em: <https://www.academia.edu/22222786/CONSTRU%C3%87%C3%95ES_REFLEXIVAS_NO_PORTUGU%C3%8AS_BRASILEIRO>. Acesso em: 2 dez. 2016.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.11a. Curitiba: Editora Positivo Informática, 2004.

GLENDAY, Candice. Chomsky e a linguística cartesiana. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 33, n.1, p. 183-202, 2010.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Versão monousuário 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

LUFT, Celso. **Dicionário prático de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MARÇALO, Maria João. Dos chamados “verbos reflexivos e pronominais”. **Domínios de Lingu@agem**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11399/6679>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PIACENTINI, Maria Tereza. Casar, sentar, mudar, divorciar - verbos pronominais. **Não tropece na língua**, [on-line], n. 295, 19 out. 2011. Disponível em: <<http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=462>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

SOUSA DA SILVEIRA. **Fonética Sintática**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

Apêndice A – Lista dos documentos utilizados no levantamento

Identificação	Nome do documento
ASA15	Álbum Seriado de Adesão ao Tratamento Antirretroviral, 2015
ASM12	Atenção em Saúde Mental nos Serviços Especializados em DST/Aids, 2012
BEHEP10	Boletim Epidemiológico de Hepatites Virais, 2010
BEHIV16	Boletim Epidemiológico de HIV/Aids, 2016
BPAB13	Boas Práticas em HIV/Aids na Atenção Básica, 2013
BPPV14	Boas Práticas para Populações Vulneráveis à Epidemia de Aids, 2014
DCTA09	Diretrizes para Organização e Funcionamento dos CTA do Brasil, 2009
DHIV08	Direitos Humanos e HIV/Aids: avanços e perspectivas para o enfrentamento da epidemia no Brasil, 2008
DLD14	Diagnóstico Laboratorial de Doenças Sexualmente Transmissíveis, incluindo o Vírus da Imunodeficiência Humana, 2014
GCD10	Guia para o Cuidador Domiciliar de Pessoas que Vivem com HIV/Aids, 2010
GRC13	Guia Orientador para a Realização das Capacitações para Executores e Multiplicadores em Teste Rápido para HIV e Sífilis e Aconselhamento em DST/Aids na Atenção Básica para Gestantes (Rede Cegonha), 2013
GVMS15	Guia Instrucional Viva Melhor Sabendo, 2015
GHTLV13	Guia de Manejo Clínico da Infecção pelo HTLV, 2013
IPHIV12	Intervenções de Prevenção ao HIV/Aids em HSH, Gays e Travestis no Brasil: Uma Revisão Sistemática, 2012
MAT08	Manual de Adesão ao Tratamento para Pessoas Vivendo com HIV e Aids, 2008
MDHV15	Manual Técnico para o Diagnóstico das Hepatites Virais, 2015
MHMV11	Muitos Homens, Muitas Vozes: Manual de Intervenção, 2011
MPCP08	Manual de Prevenção das DST/HIV/Aids em Comunidades Populares, 2008
MPT11	Manual de Prevenção e Tratamento do HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis em Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH) e Pessoas Transgênero, 2011
MTR13	Manual de Teste Rápido para HIV, 2013
PAF10	Protocolo de Assistência Farmacêutica em HIV/Aids, 2010
PCAP16	Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira (PCAP 2013) - Questionário, 2016
PHC12	Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite Viral C e Coinfecções, 2012
PTV12	Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Prevenção da Transmissão Vertical de HIV, Sífilis e Hepatites Virais, 2015
RAF11	Recomendações para a Prática de Atividades Físicas para Pessoas Vivendo com HIV e Aids, 2011
RBHIV15	Resposta Brasileira em HIV e Aids: Global AIDS Response Progress Reporting (GARPR), 2015
RMC16	Relatório de Monitoramento Clínico do HIV, 2016

Fonte: Elaboração da autora

Apêndice B – Lista completa das ocorrências e propostas de intervenção

INICIAR(-SE)

1.

É no final da década de 80 que inicia o fomento para estruturação de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) considerados modalidade alternativa de serviços de saúde, devendo oferecer sorologia anti-HIV gratuita, confidencial e anônima, além de prover educação e aconselhamento para os indivíduos sob risco de infecção pelo HIV.

(DCTA09, p. 6)

É no final da década de 80 que se inicia o fomento para a estruturação de Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA), considerados modalidade alternativa de serviços de saúde, os quais devem oferecer sorologia anti-HIV gratuita, confidencial e anônima, além de prover educação e aconselhamento para os indivíduos sob risco de infecção pelo HIV.

2.

relativamente baixas. Terapia antidepressiva antecedendo o início da terapia do HCV, pode ser considerada como estratégia de adesão ao tratamento; deve ser enfatizado que o efeito terapêutico normalmente inicia após 8 a 14 dias do seu início.

(PHC12, p. 63)

A terapia antidepressiva que antecede o início da terapia do HCV pode ser considerada como estratégia de adesão ao tratamento; deve-se enfatizar que o efeito terapêutico normalmente se manifesta após 8 a 14 dias do início do tratamento.

3.

entrar e sair quando quiserem. Um grupo fechado inicia com os usuários que se inscreveram e aderiram à atividade, não permitindo a entrada de novos participantes no seu transcorrer. A primeira modalidade pode ser exemplificada com alguns grupos

(ASM12, p. 73)

Um grupo fechado se inicia com os usuários que se inscreveram e aderiram à atividade, não permitindo a entrada de novos participantes no seu transcorrer.

4.

Deve-se proceder à investigação da infecção pelo HBV na gestante com pesquisa do HBsAg em todas as gestantes, durante o 1º trimestre da gestação ou quando iniciar o pré-natal. Gestantes portadoras de

(PTV12, p. 80)

Deve-se proceder à investigação da infecção pelo HBV na gestante com pesquisa do HBsAg em todas as gestantes, durante o 1º trimestre da gestação ou quando se iniciar o pré-natal.

REFLETIR(-SE)

5.

de casos, comportamentos e vulnerabilidades, dentre outros. Além disto, a ausência de registro pode refletir na programação orçamentaria do Poder Público, comprometendo a racionalização do sistema para o fornecimento contínuo de medicamentos.

(BEHIV16, p. 1)

Além disso, a ausência de registro pode refletir-se na programação orçamentária do Poder Público, comprometendo a racionalização do sistema para o fornecimento contínuo de medicamentos.

6.

35,0% em mulheres. A partir de 2009, observa-se uma redução nos casos em mulheres e um aumento nos casos em homens, refletindo na razão de sexo, que passou a ser de 18 casos de aids em homens para cada 10 casos em mulheres em 2013.

(RBHIV15, p. 19)

A partir de 2009, observam-se uma redução nos casos em mulheres e um aumento nos casos em homens; isso se refletiu na razão de sexo, que passou a ser de 18 casos de aids em homens para cada 10 casos em mulheres, em 2013.

ENCONTRAR(-SE)

7.

Mas como podemos ultrapassar a fronteira da família para a rede social significativa do sujeito? De acordo Sluzki (ANOXX) na prática clínica, podemos incluir algumas perguntas que ajudam a estabelecer as fronteiras desta rede:

- Quem são as pessoas importantes da sua vida?
- Com quem você conversou ou encontrou, nessa última semana?
- Quando você está com vontade de visitar alguém, para quem você liga?
- Com quem você se encontra regularmente?"

ASM12, p. 39)

Mas como podemos ultrapassar a fronteira da família e alcançar a rede social significativa do sujeito? De acordo com Sluzki (1997), na prática clínica podemos incluir algumas perguntas que ajudam a estabelecer as fronteiras dessa rede:

- Quem são as pessoas importantes da sua vida?
- Com quem você conversou ou se encontrou, nessa última semana?
- Quando você está com vontade de visitar alguém, para quem você liga?
- Com quem você se encontra regularmente?

COADUNAR(-SE)

8.

A proposta de avaliação e publicação deste estudo de campo coaduna com uma das principais diretrizes da atual gestão de ampliação da testagem e início do tratamento para todas as pessoas portadoras do HIV, considerando-se que por meio do diagnóstico precoce e do tratamento oportuno será possível reduzir a mortalidade por Aids no Brasil.

(BPPV14, p. 41)

A proposta de avaliação e publicação deste estudo de campo se coaduna com uma das principais diretrizes da atual gestão de ampliação da testagem e início do tratamento para todas as pessoas portadoras do HIV, considerando-se que, por meio do diagnóstico precoce e do tratamento oportuno, será possível reduzir a mortalidade por aids no Brasil.

ESQUIVAR(-SE)

9.

podem adquirir. O usuário só se abre se confia que será aceito. Por exemplo, um usuário que tenha suspenso suas medicações: se o serviço desenvolveu com ele uma relação de cobranças e "brincas", o mais provável será o paciente esquivar dos atendimentos ou mentir ao profissional. Ao contrário, se o profissional de saúde

(ASM12, p. 19)

Por exemplo, um usuário que tenha suspenso suas medicações: se o serviço desenvolveu com ele uma relação de cobranças e "brincas", o mais provável será o paciente se esquivar dos atendimentos ou mentir ao profissional.

ATRASAR(-SE)

10.

estivesse morta. Entretanto, o profissional observa que a mesma não falta e nem mesmo atrasa para as consultas, mostra-se interessada em entender o que deve e o que não deve fazer para se sentir melhor. Quando se investiga a vida social e

(ASM12, p. 50)

Entretanto, o profissional observa que a paciente não falta e nem mesmo se atrasa para as consultas, mostrando-se interessada em entender o que deve e o que não deve fazer para se sentir melhor.

APLICAR(-SE)

11.

Esta recomendação não aplica a transgêneros do sexo masculino que fizeram cirurgia de reatribuição sexual. São necessários recursos consideráveis para circuncisão masculina em

(MPT11, p. 42)

Essa recomendação não se aplica a transgêneros do sexo masculino que fizeram cirurgia de reatribuição sexual.

CERTIFICAR(-SE)

12.

Certificar que as prescrições foram devidamente compreendidas. Várias estratégias de esclarecimento (símbolos, desenhos, cores, tabelas etc) podem ser usadas (ver Capítulo V).

(MAT08, p. 27)

Certificar-se de que as prescrições foram devidamente compreendidas. Várias estratégias de esclarecimento (símbolos, desenhos, cores, tabelas etc.) podem ser usadas.

OPERAR(-SE)

13.

51. **[SOMENTE PARA HOMEM]** Você já operou de fimose ou fez circuncisão?

- a. Sim
- b. Não

(PCAP16, p. 9)

Você já operou de fimose ou fez circuncisão?

TRATAR(-SE)

14.

Dentre os fatores pré-tratamento que foram identificados, entre os pacientes (genótipo 2 ou 3) que trataram por 24 semanas, como significativos preditores de RVS, estão a ausência de fibrose hepática avançada ou cirrose de acordo com biópsia (OR 2.06, 95% IC 1.27-3.33; P = 0,0032), e menor carga viral do

(PHC12, p. 40)

Dentre os fatores pré-tratamento identificados nos pacientes de genótipo 2 ou 3 que se trataram por 24 semanas, constituem significativos preditores de RVS a ausência de fibrose hepática avançada ou cirrose de acordo com biópsia [...].

15.

O esquema recomendado para tratamento da hepatite crônica C genótipo 2 ou 3 e carga viral superior a 600 mil UI/mm³ e/ou Metavir = F3 é a associação de PEG-IFN e RBV, durante 24 semana, enquanto que naqueles com cirrose (Metavir = F4 ou manifestações clínicas de cirrose), independente da carga viral, devem tratar por 48 semanas:

(PHC12, p. 42)

O esquema recomendado para tratamento da hepatite crônica C genótipo 2 ou 3 e carga viral superior a 600.000UI/mm³ e/ou METAVIR = F3 é a associação de PEG-IFN e RBV, durante 24 semanas, enquanto aqueles com cirrose (METAVIR = F4 ou manifestações clínicas de cirrose), independentemente da carga viral, devem tratar-se por 48 semanas:

DIAGNOSTICAR(-SE)

16.

Especialidades em saúde (CRES). “Como a cidade é pequena, tem casos de pessoas que diagnosticaram positivo conosco, mas se recusam a fazer o confirmatório no CTA da cidade e dizem que vão procurar um serviço em Salvador. Nesses casos não conseguimos ter um retorno do serviço”, explicou Paulo.

(BPPV14, p. 39)

“Como a cidade é pequena, há casos de pessoas que se diagnosticaram positivamente conosco, mas se recusam a fazer o confirmatório no CTA da cidade e dizem que vão procurar um serviço em Salvador. Nesses casos, não conseguimos ter um retorno do serviço”, explicou Paulo.

ESQUECER(-SE)

17.

tomar os ARV todos os dias nas horas marcadas. Caso, esqueça de tomar na hora marcada, não pare de tomar os ARV, continue a seguir o horário previsto.

(ASA15, p. 5)

Caso você se esqueça de tomar o remédio na hora certa, não pare de tomar os ARV; continue a seguir o horário previsto.

18.

Para avaliar possíveis alterações de memória, pode-se investigar se o usuário esquece coisas importantes do seu cotidiano, se sabe qual a quantidade de comprimidos e horário de ingestão, ou se esquece de tomar os remédios, por exemplo.

(ASM12, p. 34)

Para avaliar possíveis alterações de memória, pode-se investigar se o usuário se esquece de coisas importantes do seu cotidiano, se sabe qual a quantidade de comprimidos e o respectivo horário de ingestão, ou se, ainda, se esquece de tomar os remédios, por exemplo.

19.

- Enxaguar com pano limpo umedecido, secando logo após. Não esquecer de cobrir as partes limpas com uma toalha seca para não resfriar a pessoa.

(GCD10, p. 8)

Enxaguar com pano limpo umedecido, secando logo após. Não se esquecer de cobrir as partes limpas com uma toalha seca para não resfriar a pessoa.

20.

Quando for colher depoimentos, fazer diários de campo ou relatórios, não esqueça de:

(MPCP08, p. 64)

Quando for colher depoimentos, fazer diários de campo ou relatórios, não se esqueça de:

LEMBRAR(-SE)

21.

para ele, uma vez que sua carga viral não está indetectável. "Tente criar algum mecanismo para lembrar de tomar os medicamentos, são só três, duas vezes ao dia. Tem portador de diabetes que toma mais de treze comprimidos, além do que só os antirretrovirais vão te ajudar a manter a saúde", explica a clínica da família. Ao sair da

(BPAB13, p. 18)

"Tente criar algum mecanismo para lembrar-se de tomar os medicamentos; são apenas duas ou três vezes ao dia. Há portadores de diabetes que tomam mais de treze comprimidos, além do que só os antirretrovirais vão ajudar você a manter a saúde", explica a clínica da família.

REDUZIR(-SE)

22.

segundo raça/cor. A análise dos dados por ano de notificação apresenta limitações devido ao alto percentual de ignorados, embora tenha reduzido de forma acentuada de 1999 a 2009, passando de 94,5% para 13,4%. No último ano da série, observa-se uma

(BEHEP10, p. 5)

A análise dos dados por ano de notificação apresenta limitações devido ao alto percentual de ignorados, embora este tenha se reduzido de forma acentuada de 1999 a 2009, passando de 94,5% para 13,4%.

23.

B ocorreu no sexo masculino (52.226). A razão de sexos ao longo dos anos reduziu quase à metade, de 2,0:1 no ano de 1999, para 1,2:1, em 2009. Ainda assim, as taxas de

(BEHEP10, p. 10)

A razão de sexos ao longo dos anos reduziu-se quase à metade, de 2,0:1 no ano de 1999, para 1,2:1, em 2009.

24.

raça/cor. A análise dos dados apresenta limitações devido ao alto percentual de ignorados, embora este tenha reduzido de forma acentuada a partir de 2001. No último

(BEHEP10, p. 11)

A análise dos dados apresenta limitações devido ao alto percentual de ignorados, embora este tenha se reduzido de forma acentuada a partir de 2001.

25.

para 43,2% em 2013. A proporção de pessoas que usam drogas injetáveis vem reduzindo ao longo dos anos em todo o Brasil, com tendência de queda estatisticamente significativa, conforme é possível perceber pelo Gráfico 5.

(RBHIV15, p. 22)

A proporção de pessoas que usam drogas injetáveis vem se reduzindo ao longo dos anos em todo o Brasil, com tendência de queda estatisticamente significativa, conforme é possível perceber pelo Gráfico 5.

ACELERAR(-SE)

26.

No que se refere à distribuição das PVHA que iniciaram TARV por linha de tratamento, nota-se que, a partir de 2013 a há um aumento considerável da proporção que iniciava tratamento na primeira linha, acelerando nos anos seguintes até atingir quase 90% das PVHA nos primeiros 10 meses de 2016, sendo a proporção comparável, em 2009, de 68%.

(RAF11, p. 8)

No que se refere à distribuição das PVHA que iniciaram TARV por linha de tratamento, nota-se que, a partir de 2013, a proporção das que iniciavam tratamento na primeira linha aumentou consideravelmente, acelerando nos anos seguintes até atingir quase 90% das PVHA nos primeiros 10 meses de 2016, sendo a proporção comparável, em 2009, de 68%.

PASSAR(-SE)

27.

diante de agentes como vírus, bactérias e outros microrganismos. Vários anos podem passar entre o momento da infecção pelo HIV até o surgimento dos primeiros sintomas da Aids. Quando se diz que uma pessoa é portadora do HIV, está se

(RAF11, p. 8)

Vários anos podem se passar entre o momento da infecção pelo HIV até o surgimento dos primeiros sintomas da aids.

SUCEDER(-SE)

28.

Na atenção às pessoas vivendo com HIV e portadores de hepatites virais, são atribuições dos CTA: a realização de encaminhamento resolutivo dos casos para os serviços de referência, com estabelecimento de mecanismos que busquem garantir também a contra referência; o acompanhamento dos usuários no período que sucede o diagnóstico, quando estes ainda não estiverem sendo acompanhados nos

(ASM12, p. 99)

Na atenção às pessoas vivendo com HIV e aos portadores de hepatites virais, são atribuições dos CTA: a realização de encaminhamento resolutivo dos casos para os serviços de referência, com estabelecimento de mecanismos que busquem garantir também a contrarreferência; o acompanhamento dos usuários no período que sucede ao diagnóstico [...].

SEGUIR(-SE)

29.

Depois do primeiro momento de organização e planejamento, seguem as fases destacadas nos itens III, IV e V:

(GVMS15, p. 8)

Depois do primeiro momento de organização e planejamento, seguem-se as fases destacadas nos itens III, IV e V.

ESTABILIZAR(-SE)

30.

Enquanto isso, a proporção de casos de AIDS entre homens de 13 anos e acima que podem ser atribuídos a HSH estabilizou em torno de 30%¹.

(IPHIV12, p. 2)

Enquanto isso, a proporção de casos de aids entre homens de 13 anos ou mais que podem ser atribuídos a HSH estabilizou-se em torno de 30%.

31.

aumentando por um ano após a infecção inicial, antes de alcançar o equilíbrio pleno. Ocorre uma similaridade com o aumento do anticorpo anti-Tax, que é maior após um ano da ocorrência da infecção, estabilizando mais tarde. O aumento inicial na resposta dos anticorpos

(GH TLV13, p. 54)

ROMPER(-SE)

32.

* Se os sintomas ocorrerem, podem incluir bolhas dolorosas, sensíveis ou que começam a coçar na região genital ou anal; iniciam com pequenos pontos cor-de-rosa que se desenvolvem em bolhas e geralmente rompem, formando feridas; estas lesões geralmente ocorrem em pequenos grupos; podem ocorrer ainda glândulas inchadas na virilha

(MHMV11, p. 101)

Se os sintomas ocorrerem, podem incluir bolhas dolorosas, sensíveis ou que começam a coçar na região genital ou anal; começam com pequenos pontos cor-de-rosa que se transformam em bolhas e geralmente se rompem, formando feridas; [...].

DILATAR(-SE)

33.

Cérvix (ou colo | útero e onde o esperma encontra acesso ao útero. É também a parte do útero que precisa dilatar (abrir) para dar passagem para o nascimento do bebê. Muitas DST podem causar infecção do

(MHMV11, p. 105)

É também a parte do útero que precisa se dilatar (abrir) quando do nascimento do bebê.

DISSOLVER(-SE)

34.

^b Para o ácido acético glacial, use água destilada para a metade do volume e adicione o ácido acético glacial gota a gota, até que dissolva; não exceder 2,5 µL/mL.

(DLD14, cap. 4, p. 40)

Para o ácido acético glacial, use água destilada para a metade do volume e adicione o ácido acético glacial gota a gota, até que este se dissolva; não exceda 2,5µL/mL.

DIFUNDIR(-SE)

35.

impregnados com uma concentração conhecida de antibiótico. O agente antimicrobiano no disco difunde sobre a superfície de ágar inoculada com o isolado bacteriano e produz um gradiente de concentração que é maior próximo ao disco e diminui proporcionalmente ao se distanciar do disco. Após a incubação, a zona de

(DLD14, cap. 4, p. 46)

O agente antimicrobiano no disco difunde-se sobre a superfície de ágar inoculada com o isolado bacteriano e produz um gradiente de concentração que é maior próximo ao disco e diminui proporcionalmente ao se distanciar do disco.

SOLTAR(-SE)

36.

- Adicione 4mL de tripsina e incube as células a temperatura ambiente até que a monocamada solte do frasco (aproximadamente 3-7 minutos). Bata

(DLD14, cap. 5, p. 25)

Adicione 4mL de tripsina e incube as células a temperatura ambiente até que a monocamada solte do frasco (em aproximadamente 3-7 minutos).

CURAR(-SE)

37.

sensoriais localizados nessa região da pele. As manifestações na pele incluem lesões vesiculares, levando a ulcerações rasas, que formam crosta e curam espontaneamente em duas ou três semanas, sem cicatrizes. As lesões acarretam a destruição central da

(DLD14, cap. 9, p. 1)

As manifestações cutâneas incluem lesões vesiculares, levando a ulcerações rasas, que formam crosta e curam-se espontaneamente em duas ou três semanas, sem deixar cicatrizes.

38.

Os episódios sintomáticos recorrentes tendem a ser mais leves que o episódio primário, curando, normalmente, em 10 dias; mas pode ser severo, principalmente em

(DLD14, cap. 9, p. 1)

Os episódios sintomáticos recorrentes tendem a ser mais leves que o episódio primário, curando-se, normalmente, em 10 dias.

39.

homens ou em mulheres que praticaram relação sexual anal receptiva. Por serem frequentemente indolores, as lesões primárias podem não ser notificadas. Se não forem tratadas, a úlcera irá curar espontaneamente em 3-8 semanas sem deixar cicatriz. Os cancro primários genitais são normalmente associados à linfadenopatia

(DLD14, cap. 10, p. 1)

Por serem frequentemente indolores, as lesões primárias podem não ser notificadas. Se não forem tratadas, a úlcera irá curar-se espontaneamente em 3-8 semanas sem deixar cicatriz.

SOROCONVERTER(-SE)

40.

sorológicos. Na maioria das pessoas infectadas pelo HIV a soroconversão ocorre dentro de trinta dias após a infecção. Entretanto, alguns indivíduos podem soroconverter após a terceira semana da infecção e outros após meses.

(MTR13, p. 11)

Na maioria das pessoas infectadas pelo HIV, a soroconversão ocorre dentro de trinta dias após a infecção. Entretanto, alguns indivíduos podem soroconverter-se após a terceira semana da infecção, e outros, após meses.

CRONIFICAR(-SE)

41.

a 90%, e entre 10 a 40% nos casos sem evidências de replicação do vírus. Cerca de 70 a 90% das infecções ocorridas em menores de cinco anos cronificam, e 20 a 25% dos casos crônicos com evidências de replicação viral evoluem para doença hepática avançada (cirrose e hepatocarcinoma). Uma particularidade desta infecção viral

(MDHV15, p. 28)

Cerca de 70% a 90% das infecções ocorridas em menores de cinco anos se cronificam, e 20% a 25% dos casos crônicos com evidências de replicação viral evoluem para doença hepática avançada (cirrose e hepatocarcinoma).

SENTAR(-SE)

42.

- Sentando corretamente

Sentar sempre em cadeiras duras, com encosto saliente. Evite poltronas macias. Os pés devem

(GCD10, p. 41)

Sentando-se corretamente: sentar-se sempre em cadeiras duras, com encosto saliente. Evitar poltronas macias. Os pés devem estar apoiados no solo ou num estrado.

43.

3. Sentar devagar, dobrar as pernas, não forçar as costas.

(GCD10, p. 14)

Sentar-se devagar, dobrar as pernas, não forçar as costas.

DEITAR(-SE)

44.

- Se estiver cansado e com dor, procure deitar e relaxar, colocando as pernas com os joelhos dobrados sobre uma almofada alta ou sobre vários travesseiros;

(GCD10, p. 41)

Se estiver cansado e com dor, procure deitar-se e relaxar, colocando as pernas com os joelhos dobrados sobre uma almofada alta ou sobre vários travesseiros; [...].

DEBRUÇAR(-SE)

45.

devem estar apoiados no solo ou num estrado. Não debruce sobre a mesa e mantenha os braços apoiados.

(GCD10, p. 41)

Não se debruce sobre a mesa e mantenha os braços apoiados.

ARTICULAR(-SE)

46.

Os profissionais de saúde da Atenção Básica poderão acompanhar as atividades realizadas pelos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA ou nos Serviços de Atenção Especializada em DST/Aids – SAE, além dos Laboratórios de Saúde Pública – LACEN. Para isso precisam, apenas, articular com as Coordenações de DST/Aids locais ou com os próprios serviços.

(GRC13, p. 10)

Os profissionais de saúde da Atenção Básica poderão acompanhar as atividades realizadas nos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA ou nos Serviços de Atenção Especializada em DST/Aids – SAE, além dos Laboratórios de Saúde Pública – Lacen. Para isso precisam, apenas, articular-se com as Coordenações de DST/Aids locais ou com os próprios serviços.

47.

IMPORTANTE: Na listagem você encontrará os 1.031 multiplicadores capacitados pelo Ministério da Saúde no período de julho/2011 a novembro/2012. Articulando com as coordenações de DST/Aids, você terá acesso a outros profissionais capacitados pelo estado ou município e Distrito Federal.

(GRC13, p. 10)

IMPORTANTE: na listagem, você encontrará os 1.031 multiplicadores capacitados pelo Ministério da Saúde no período de julho/2011 a novembro/2012. Articulando-se com as coordenações de DST/Aids, você terá acesso a outros profissionais capacitados pelo estado ou município e Distrito Federal.

48.

Para que o recurso financeiro das capacitações seja garantido, é fundamental que estados e municípios articulem localmente. Possíveis fontes de recursos e instrumentos de planejamento:

(GRC13, p. 8)

Para que o recurso financeiro das capacitações seja garantido, é fundamental que estados e municípios se articulem localmente. Possíveis fontes de recursos e instrumentos de planejamento: [...]

Anexo A – Autorização para a utilização do corpus de pesquisa



MINISTÉRIO DA SAÚDE
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA, PREVENÇÃO E CONTROLE DAS DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS
SAF Sul, Trecho 2, Ed. Premium, Torre I, Térreo, Sala 12
70070-600 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3315-7737

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais (DDAHV) autoriza Ângela Gasperin Martinazzo, a utilizar excertos de documentos produzidos pelas áreas técnicas deste Departamento, em suas versões originais e verídicas encaminhadas à revisão textual, fruto de atividades de pesquisa e/ou de elaboração de produtos gerados em decorrência de contratos de consultorias, para o fim específico de elaboração de trabalho acadêmico de conclusão de curso de especialização em Revisão de Textos, assumindo, para tanto, total responsabilidade pelas consequências legais pela utilização indevida, inclusive por terceiros.

Na qualidade de responsável pela guarda e uso das informações acima identificadas, assume a responsabilidade de:

- a) utilizar as informações única e exclusivamente para as finalidades descritas neste documento;
- b) proteger informação sigilosa e informação pessoal, observada a sua disponibilidade, autenticidade, integridade e eventual restrição de acesso; e
- c) não disponibilizar, emprestar ou permitir a pessoas ou instituições não autorizadas pelo DIAHV/SVS/MS o acesso às informações.

Brasília, 1º de dezembro de 2016.

Assinatura manuscrita em tinta azul de Adele Schwartz Benzaken.

Adele Schwartz Benzaken
Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das
Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/AIDS e das Hepatites Virais